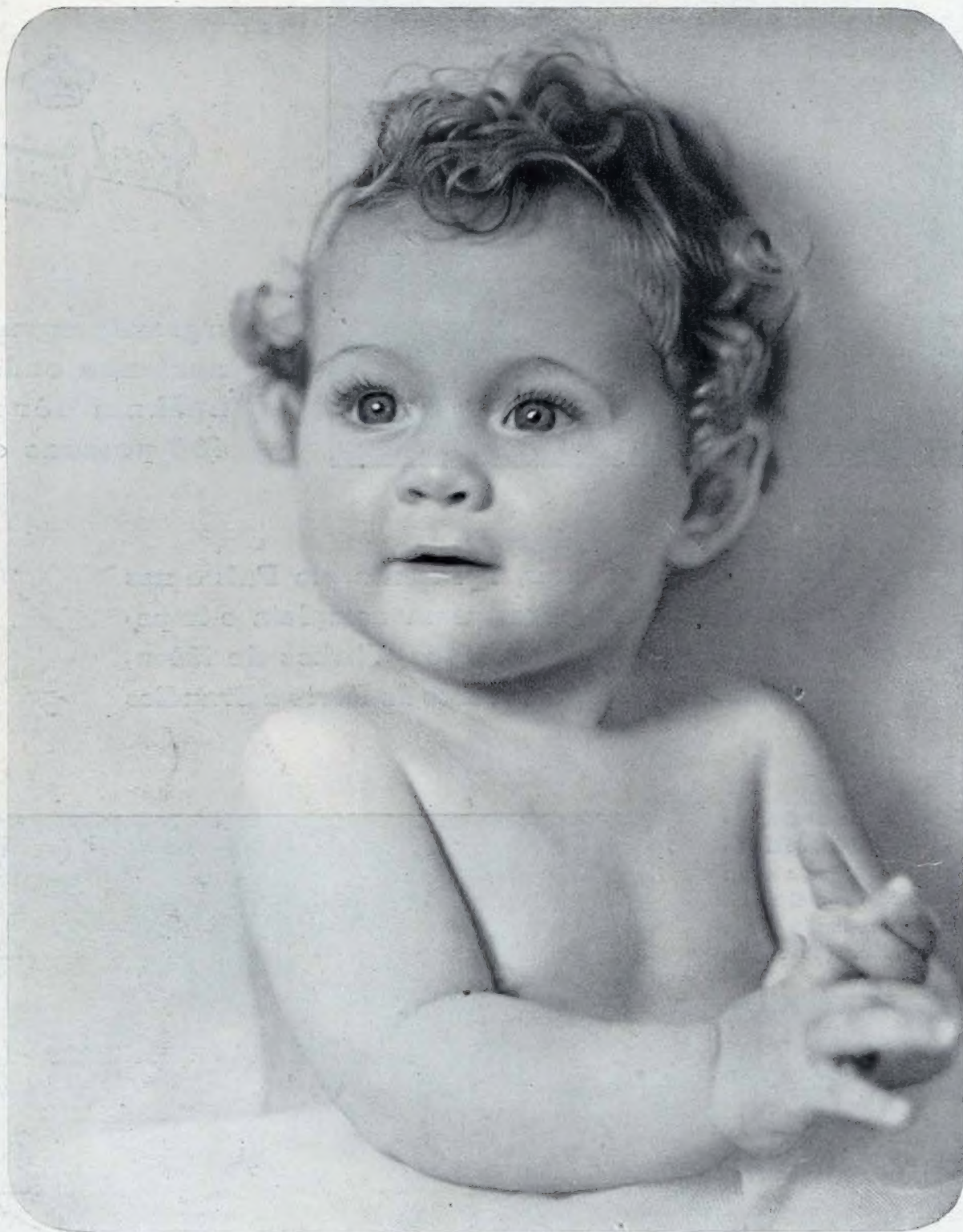
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

PANORAMA

É

a grande organização nortenha onde trabalham cêrca de 4.00 pessoas e que,

há mais de 50 anos, apresenta, no País e nos mercados estrangeiros, uma completa e impecável gama de Aperitivos, Vinhos de Mêsa, Espumantes Naturais, Vinhos do Pôrto e Brandies

Nesta página focam-se 3 aspectos do SERÃO CULTURAL-RECREATIVO para os trabalhadores desta emprêsa, organizado pela FNAT, de colaboração com o Emissor Regional do Norte e realizado, com grande êxito, em 30 de Julho último, num dos seus vastíssimos salões.

SEDE EM GAIA: TELEF. 3478 · FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117, TELEF. 2 2559 · DEPÓSITO NO PÔRTO: RUA DE ENTREPAREDES, TELEF. 440

LEITE CONDENSADO
AÇUCARADO
NESTLÉ
MUITO RICO DE NATA
PREPARADO PELA
SOCIEDADE DE PRODUTOS LACTEOS
AVANCA PORTUGAL

Vinho do PÔRTO

Aqui se aconselha...

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÊCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

que leia, veja e compre

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

EM qualquer caso de SURDEZ, com o AUDIÓMETRO — aparelho científico de alta sensibilidade — é hoje possível determinar e adaptar em cada caso particular de deficiência auditiva o aparelho acústico que proporcione a melhor audição. Tôda a documentação sôbre êsse novo processo é enviada gratuitamente por A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º Esq. — Lisboa.

O INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA, modelar organização de produtos medicinais, não dedica a sua actividade ùnicamente à preparação de especialidades farmacêuticas. Possui também uma secção onde se fabrica cuidadosamente diverso MATERIAL CIRÚRGICO E SANITÁRIO. A foto mostra um modêlo de balança para a pesagem de crianças, fabricado naquelas oficinas.

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

A beleza é um dom, mas conservá-la é uma arte!

Móveis Rústicos
OLAIO

Aqui se aconselha...

que leia, veja e compre

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

RADIO - GRAMOFONE com receptor super-heterodino para ondas curtas e médias. Alto-falante de alta fidelidade. Contrôle automático de volume de som. Contrôle progressivo de tonalidade. Quadrante de visibilidade perfeita. Reprodução automática de 8 discos grandes e pequenos. Dispositivo para repetição de qualquer e paragem e corte automático da corrente no final do último. EST. VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova do Almada, 97.

RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda, uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao consêrto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Mesmo que não esteja... Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gôsto», para oferecer a alguém de sua amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — como sejam: candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na CASA ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

FÁBRICA PORTUGAL
Móveis em tubo e chapa de aço. especiais para cada caso.
EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA
HOTEIS
HOSPITAIS
ESCRITÓRIOS
REPARTIÇÕES
SERVIÇOS ESTATÍSTICOS
VESTIARIOS
QUARTOS DE DORMIR
CASAS DE BANHO
SALAS
BARS
CERVEJARIAS. Etc. Etc.
ESCRITÓRIOS: Rua Febo Moniz. 2 a 20
SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA:
Rua Febo Moniz, 2-20—Telef. 47.157
Praça dos Restauradores, 49-57—Telef. 24.948
Avenida da República, 55-D.—Telef. 41.189
Rua da Graça, 82-84—Telef. 49.109
LISBOA

Há cinqüenta anos . . .

. . . Na sôbre-loja de um prédio de esquina da Praça de Luís de Camões, foi inaugurado o «Laboratório para venda dos produtos do Instituto Pasteur», que mais tarde se denominou Instituto Pasteur de Lisboa. Volvido meio século de constante e árdua actividade, êsse empreendimento transformou-se numa das mais belas e progressivas realizações da indústria nacional, tão prestimosamente afirmada no campo médico e farmacêutico.

1895 · INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA · 1945

EMPRÊSA NACIONAL DE PENTEAÇÃO DE LÃS

QUINTA DA FIGUEIRA — ALHANDRA

Entre os estabelecimentos industriais mais importantes do Ribatejo está a Emprêsa Nacional de Penteações de Lãs, única fábrica portuguesa exclusivamente destinada à penteação de lãs. É sua finalidade preparar as lãs para as fiações, que por sua vez enviam os fios às fábricas de tecelagem.

A penteação de lãs é a actividade base da indústria de lanifícios. Assim, recebidas as lãs em «sujo» conforme «tosquiadas» dos ovinos, são nesta fábrica devidamente escolhidas ou apartadas segundo a espessura da fibra. Esta operação, puramente manual e visual, é das mais importantes, pois que, de um «velo» de lã nacional, separam-se 4 ou 5 «tipos» de lã diferentes, e de um de lãs estrangeiras, 8 a 9 «tipos» absolutamente distintos. A seguir, procede-se separadamente à lavagem de cada tipo, operação industrial delicada, pois cada categoria de lã exige banhos com composições e temperaturas diferentes. Feita a secagem, são as lãs cardadas e finalmente pen-

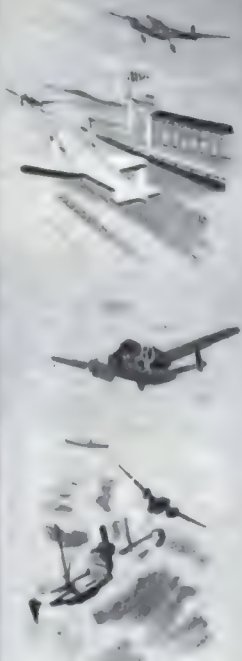
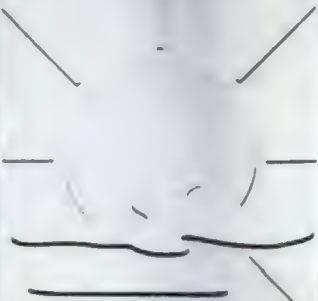
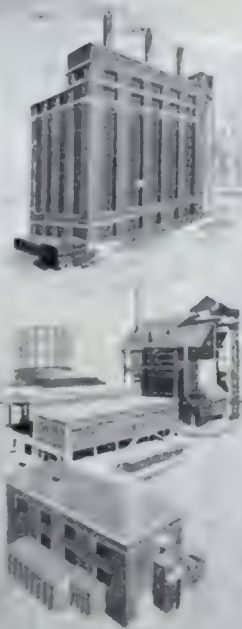
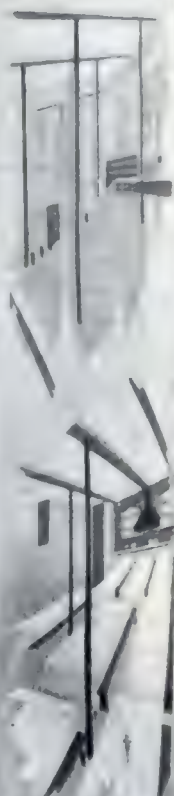
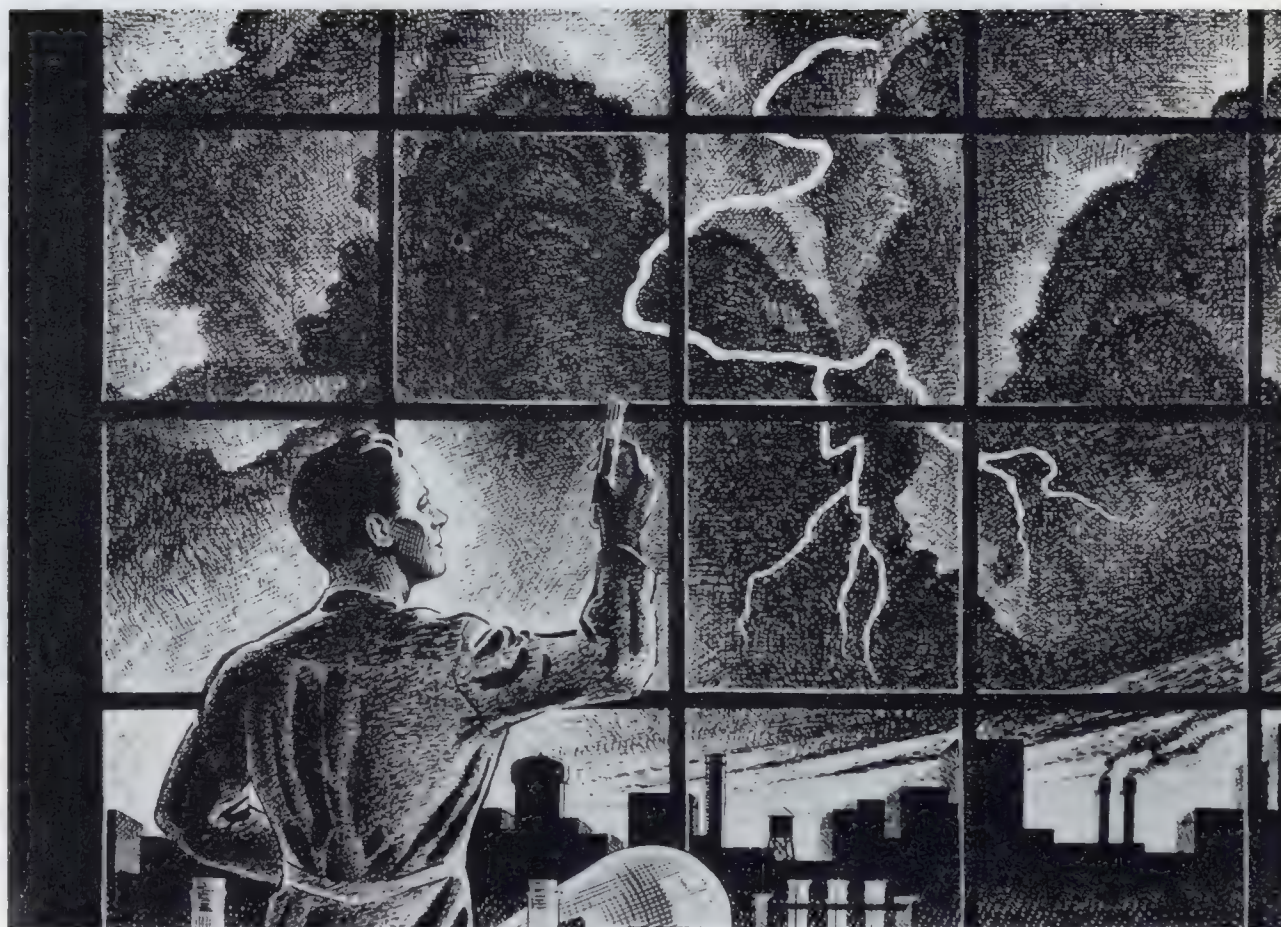
teadas, depois de terem passado por várias máquinas complicadas com finalidades industriais diferentes. Obtém-se assim um «tipo» de lã penteada, que permite se façam fios de diferentes espessuras, sem que praticamente existam nêles fibras de diâmetro diferente.

Dos resultados obtidos nesta fábrica, são testemunho as referências de entidades oficiais portuguesas e estrangeiras, inscritas no seu Livro de Honra, e das quais se destacam as do Ex.^{mo} Director Geral dos Serviços Pecuários e do Presidente da Câmara de Comércio de Bradford, grande centro transformador de lãs em Inglaterra.

A existência desta Emprêsa e a qualidade dos seus produtos contribuem bastante em favor da Economia Nacional, reduzindo a importação de lãs penteadas. De 1928/1934, antes da fundação da fábrica, a média anual das importações era de 616.971 quilos. De 1934/1939 a mesma média anual baixou para 385.665 quilos, embora se tenham montado mais fiações, isto é, houve mais consumo do que no período anterior.

Mas além dos resultados económicos interessa ainda aos seus Administradores a acção social — o bem estar dos seus operários a quem são dadas bastantes regalias sempre por expontânea vontade da administração. Destaca-se nêste campo a linda Creche que a fábrica possui, da qual se publicam alguns aspectos, e que abriga em média mais de 20 crianças, enquanto as mães estão trabalhando. É dirigida por uma Assistente Social, que de acôrdo com o médico da fábrica se ocupa da alimentação, higiéne e tratamento das crianças, mesmo quando doentes e impossibilitadas de a freqüentarem. E a assistência médica mantém-se ainda às crianças que sairam da Creche por terem atingido o limite da idade estabelecido para a sua permanência nela.

1939 • 1940 • 1941 • 1942 • 1943 • 1944 • 1945

VENCENDO AS MIL DIFICULDADES DA GUERRA, AS C.R.G.E. CUMPRIRAM A SUA MISSÃO, ASSEGURANDO AO PÚBLICO UMA VIDA MELHOR

TÃO PONTUALMENTE COMO O SOL NOS ALUMIA, CONSEGUIMOS MANTER, NOITE E DIA, O FORNECIMENTO DO GÁS E DA ELECTRICIDADE, DURANTE ESTE LONGO PERÍODO DA GUERRA, À CUSTA DE ENORMES ESFORÇOS, MUITA DEDICAÇÃO E SACRIFÍCIOS

OS HOMENS DE CIÊNCIA DA CASA PHILIPS PREPARAM ACTIVAMENTE O AMANHÃ

Para proveito da humanidade, laboratórios da PHILIPS trabalharam mesmo durante a guerra e seguem hoje deligentemente fazendo as suas pesquisas para a descoberta das melhores formas de utilização da electricidade, de maneira a pô-la ao alcance de tôda a gente, dos lares mais humildes e mesmo dos mais remotos.

A contribuição da PHILIPS para o progresso da ciência continua sendo valiosa.

Em *lâmpadas e aparelhagem de iluminação, em rádio e em televisão, em rádio medicina e em equipamentos industriais,* PHILIPS logrou atingir elevado grau de aperfeiçoamento.

PHILIPS

MONTE ESTORIL HOTEL

(ANTIGO HOTEL D'ITÁLIA)

COMPLETAMENTE REMODELADO

O MAIS BEM SITUADO NA

COSTA DO SOL

MONTE ESTORIL

A 50 METROS DA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO ELÉCTRICO

SERVIÇO DE MESA RENOMADO

PREFERIDO PELA CLIENTELA ELEGANTE PELAS SUAS COMODIDADES E SITUAÇÃO CLIMATÉRICA PRIVILEGIADA

a melhor lampada para: desenhar, bordar e escrever

TUNGSRAM

LISBOA
CARAVELA

MC
CHEGOU, ENFIM, A PAZ, E UMA NOVA ERA COMEÇA QUE CERTAMENTE SERÁ CARACTERIZADA PELO MAIOR PROGRESSO JAMAIS VERIFICADO NOS DOMÍNIOS DA AVIAÇÃO. PARA SERVIR, POIS, A TÉCNICA MAIS EXIGENTE, HOJE COMO SEMPRE, OS INCONFUNDÍVEIS COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES INTAVA ENCONTRAM-SE EM TODOS OS AERÓDROMOS DO MUNDO.
2064
INTAVA
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. DE PEDRO ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMEROS 25 e 26 ★ ANO de 1945 ★ VOLUME 5.º

CAPA: LITOGRAFIA DO SEC. XIX — DESENHOS DE: ANTÓNIO DACOSTA, BERNARDO MARQUES E CARLOS RIBEIRO — FOTOGRAFIAS DE: ALVARO CAMPEÃO, ENG.º ANTONIO CAMPELO, BENOLIEL, FOTOGRAFIA BRASIL, FOTOGRAFIA VASQUES, HORACIO NOVAES, JOSÉ VANZELLER PALHA, LUCILIO FIGUEIREDO, MANFREDO, MARIO NOVAES E DR. MARQUES DA MATA.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 45$00 — Estrangeiro: 70$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua do Ouvidor, 106, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade

PREÇO: 15$00

É especialmente dedicado ao TOUREIO PORTUGUÊS o presente número desta revista. Não tem, nem isso acertaria com a índole da publicação, pretensões a tratado, no sentido de compêndio técnico que ao tèrmo se atribue. Também é fácil verificar que outros assuntos nèle se abordam, à margem do tèma central, tais como: — o MARIALVISMO, o FADO, e a VIDA BOÉMIA, ELEGANTE E PITORESCA DE LISBOA DE HÁ CINQÙENTA ANOS ★ Com isto se pretende evocar, através de imagens e de impressões tanto quanto possível tocadas de valor documental e afectividade compreensiva, uma época bem rica de caracteres e costumes nacionalmente diferenciados: o nosso Século XIX, cuja vida social, aparentemente estagnada, foi, no entanto, o fértil campo em que germinaram as idéias claras, os sentimentos generosos e as acções veementes que a literatura e a arte coevas para sempre fixaram, numa extraordinária variedade de obras magníficas ★ O centenário do nascimento de EÇA DE QUEIROZ, que êste ano se comemora, levou a curiosidade dos portugueses a debruçar-se mais demoradamente sôbre a paisagem social, o clima histórico, o estilo de vida dèsse tempo — sobretudo nas duas últimas décadas, ou seja, o que se entende por «fim-de-século» — do qual ficam arquivados neste número alguns dos mais vivos e significativos aspectos.

A caça ao javali, à forquilha — precursora do toureio a cavalo. (Grav. do Séc. XVII)

TOURADAS EM PORTUGAL

CONDE DE SABUGOSA

Em Lisboa, Salvaterra, Almeirim, Queluz, Sintra, Vila-Viçosa; nos festejos públicos e ocasiões solenes; nos arraiais e romarias; como passatempo querido da nobreza, que no correr de touros, justas, torneios, o pário se exercitava para depois passar a África ou ir combater algures; como folgar domingueiro das vilas ribatejanas, e como fonte de receita para obras de beneficência, a tourada tem sempre feito parte integrante dos costumes portugueses. É o único divertimento nacional, genuíno, característico, que tem acompanhado durante séculos a história, sempre favorito de reis, de príncipes, de fidalgos e de povo.

Pela transformação da arte militar acabaram as escaramuças, os jogos de canas e os desafios de cartel em que os mantenedores e aventureiros de armas brancas ao som de trombetas, sacabuchas, charamelas, pífanos e tambores, defendiam em combates simulados as belas Celindaxas. Desusaram-se os volatins, aquietaram-se e emudeceram as danças mouriscas, e os esgares dos truões, desapareceram as *alcanzias* em que se lutava com bolas de barro cheias de cinza e flores. Com a cavalaria de

gineta e o trajar pomposo do século passado morreram as cavalhadas, a argolinha, a cabeça de turco e o pato.
A tourada, porém, pôsto que tenha perdido a grandeza, a pompa, a solenidade antigas, e já não seja um passatempo de luxo, uma escola de destreza e um *sport* das raças finas, é ainda a mais atraente diversão de estremenhos e alentejanos; tem um prestígio indizível de tradição cavalheirosa e galante.
E, de facto, folheada a história dos nossos costumes, dispersa pelas páginas dos cronistas, pelos volumes dos eruditos, pelos trabalhos dos académicos, pelos períodos dos literatos e documentos extravagantes ainda por explorar, vê-se as corridas de touros repetirem-se a cada momento na península, para onde foram trazidas dos anfiteatros gregos, e mais ainda dos circos romanos em que Tarquínio-o-Soberbo as mandava celebrar para aplacar a fúria dos deuses infernais. *Ludi tauri.*
Durante a invasão árabe e o domínio visigótico correram-se touros em Espanha. Sabe-se que em 13 de Maio de 1100 houve ali uma corrida célebre.
Em Portugal também, durante êsse século XII, tão irrequieto e cheio das correrias e façanhas dos bandos ocupados em expulsar o sarraceno, não raro os rudes guerreiros descansavam de correr charnecas e arremeter cidades, na folgança de largar possantes mastins aos touros furiosos, e de lhes cravar nas espáduas e no dorso as perfurantes ascumas e ligeiras lanças.
Alexandre Herculano faz-nos assistir a uma dessas touradas em que um touro saindo pelo postigo do castro, e correndo através do passadiço que assoberbava a barbacã, arremete furioso contra os irritados molossos, livres das trelas com que os cavaleriços

Uma tourada portuguesa, em Lisboa, 1798. (Gravura da época).

Sorte chamada «laço brasileiro», numa tourada portuguesa, em 1798

os sustinham. Depois da luta com os cães, descem à liça os cavaleiros dos briais, que lanceiam com dardos o animal até à morte.

É fora de dúvida que no princípio da Monarquia os companheiros dos primeiros reis se ocupavam em jogos de tavolado e se exercitavam em tauromaquias.

O velho Fernão Lopes, na *Crónica de El-Rei D. Fernando,* referindo o casamento da infanta D. Beatriz, conta que no dia do recebimento «o rei e a rainha vierom para as suas pousadas e depois de comer justarom e lidarom touros e... todo aquêle dia se despendeu em festas e coisas que a bodas pertenciam».

D. Duarte, que pelo seu próprio punho escreveu o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella,* por certo não desprezou, embora a não mencione expressamente, uma das mais belas aplicações daquele nobre exercício, o toureio.

Tinha-o o seu neto D. João II em grande conta, pois Garcia de Rezende enumerando as virtudes, feições, costumes e manhas d'El-Rei, diz: — «E as festas eram delle com grande veneraçam celebradas, e sempre n'ellas se vestia ricamente, e com grande estado real guardava os antigos *costumes dos Reys seus antecessores* convem a saber, no Natal consoada, na Paschoa Ressurreiçam, dia de Corpus Christi procissão e *touros,* vespera de S. João grandes fogueiras, e no dia cannas reaes. Folgava elle montear e caçar com galgos, açores e muito mais caça d'altanaria; tinha muito bons cães, muito bons libres e alãos que mandava lançar a toiros».

Èle próprio não desdenhava apresentar-se em frente de um boi, como o fêz certo dia que estando em Alcochete, ia de casa a pé com a rainha, amas, e muitos fidalgos, a ver uma corrida no terreiro junto à igreja. Aconteceu que, fugindo um touro do curro, veio pela rua principal precedido de muita gente em grita. Foi então que el-rei tomou a rainha pela mão, e pôs-se diante dela com a capa no braço e a espada

Um bilhete de 1804, da praça do Salitre

Gravura ilustrando um programa de uma tourada na praça do Salitre, em 1837. — Três gravuras de bilhetes portugueses antigos

apunhada com grande segurança, esperando o touro.

Valente, estimava os valentes. Por isso, de uma outra vez, estando a correr touros no terreiro dos Paços de Évora, sucedeu estar uma tranqueira mal concertada. Subira a ela muita gente, quando um touro arremeteu. Fugiram todos espavoridos, e só ficou um homem, que estava atrás dos outros, embuçado numa capa e de sombreiro carregado. Pegou êle na capa e na espada, e tão valentemente defendeu a saída, que fêz tornar o bicho atrás. Impressionou isto el-rei, que lhe preguntou, com as suas falas vagarosas, e entoadas pelo nariz, quem era e como se achava na côrte. Soube então que em Lamego matara um homem e andava fugido. Mandou chamar o corregedor a quem recomendou que o livrasse, e depois lhe fêz a mercê de o tomar para seu criado.

Prezava muito êste rei as manifestações de valentia e destreza: a carreira, o salto, a barra, desenvoltura a pé e a cavalo. Tudo isso, já vinha na tradição desde os antigos lusitanos, de cujos jogos gímnicos e hípicos fala Strabão, citando o pugilato, escaramuças e ba-

NOVO GRATIS.

JORNAL D'ANNUNCIOS.

N.° 22 *Anno* 1845.

PRAÇA
DO CAMPO DE
SANT'ANNA.

Domingo 22 de Junho.

EM BENEFICIO
DO AZYLO DA MENDICIDADE.

Haverá na dita Praça (a qual estará pomposamente armada) uma estrondosa, e bem delineada Corrida de

15 TOUROS.

Apartados das manadas, que possue o Lavrador Rafael José da Cunha.

A's 3 horas da tarde será o Gado recolhido para dentro do Touril, e depois de limpe, e aguada a Praça, se dará principio ao recreativo divertimento, que julgamos digno da affluencia publica.

A's 5 horas da tarde,

Logo que compareça ao seu Camarote o Dignissimo Inspector, e dadas as ordens necessarias, sahirá o Neto acompanhado dos seus Volantes a fazer o devido cortejo ao respeitavel publico,

De quem sempre recebe, em ar de graças,
Chufas gordas, risotas, e challaças.

E hindo depois mudar de Cavallo, fará entrar na Praça o muito applaudido, e habil Cavalleiro

João José dos Santos Sedvem.

O qual virá garbosamente montado em um soberbo, e arrogante Cavallo de Manejo, circu[lado] de Capinhas Portuguezes, e Hespanhoes, e de animosos Homens de Forcado, os quaes nas pegas que lhe forem determinadas, mostrarão o seu denodo. E tendo o Cavalleiro desempenhado as Cortezias do estilo aos Snrs. Expectadores; irá mudar de Cavallo para vir dar principio ao agradavel, e recreativo divertimento, que será distribuido pela maneira seguinte:

DETERMINAÇÃO DO ESPECTACULO.

1.° Touro, para ser farpeado pelo Cavalleiro.
2.° dito, para ser bandarilhado pelos Capinhas José Cadete, e Manoel Vargas.
3.° dito, para ser bandarilhado pelos Capinhas João Pedro, e Pedro Rodrigues.
4.° dito, para ser farpeado pelo Cavalleiro.
5.° dito, para ser bandarilhado pelos Capinhas João Alberto, e Manoel Calabaça.
6.° dito, para ser bandarilhado pelos Capinhas Francisco Rodrigues, José Cadete, e Manoel Vargas.
7.° dito, para servir em um gracioso, e bem imaginado

INTERVALLO

Collocar-se-ha na Praça, uma engenhada Fortaleza, guarnecida de fusca e encarapinhada tropa; e logo sahirão varias chalupas Arabes, tripuladas de moura gente, as quaes atacarão a Fortaleza fazendo-lhe vivissimo fogo, ao qual fortemente responde a guarnição tostada e bravía; trava-se renhido combate, e quando a profusão do fogo está no seu maior auge

Sahe o furioso Touro
Que dispersa os dois partidos,
Pondo uns, em debandada,
Outros por terra estendidos.
Escangalhando as chalupas,
Em isca fazendo o forte,
Espanta a tropa negral,
A qual tem medo da morte.
Então os taes macanbuzios,
Do feroz Touro acossados,
Vão depressa buscar farpas
Raivosos, inquizilados.
Pondo-se á frente do bruto,
Por vingar o seu desdouro;
Hão-de á força de boléos
Meter-lhe as farpas no couro.

A primeira página de um curioso anúncio de tourada, publicado em 1845. — Retrato do cavaleiro-amador Conde de Vimioso, ilustrando o programa de uma tourada que se realizou em 2 de Julho de 1816.

talhas campais que se transformaram no bafordo, aléu, touros e cavalhadas. Na sociedade guerreira dos primeiros tempos portugueses tinham êstes jogos o carácter de exercícios de actividade belicosa, que, praticados em sortida, apenas merecem menção. Depois, terminada a reconquista neogótica, nas épocas relativamente pacíficas que começam com o século XVI, a aristocracia, continuando a exercê-los como preparativo para as conquistas de além-mar e guerras no continente, transformou-os contudo em festas pomposas, deu-lhes o aparato de solenidades nacionais, e por último desenvolveu nêles o luxo magnificente, as riquezas deslumbrantes, que arruïnaram muitas casas nobres no século passado.

Nuns e noutros tempos, em todo o caso, êsse divertimento formava, embora o contestem praguentos, homens destemidos; desenvolvia as qualidades físicas de uma raça activa e empreendedora, exercitando-lhe a coragem, a destreza, exigindo-lhe superiores aptidões para a equitação, forte musculatura para o combate, distinção e elegância no manejo do cavalo, certeza no empunhar do rojão à espanhola, e fina arte no atirar do arremessão à mourisca.

Foi constante o favor de que êste divertimento gozou, tendo sempre vencido as tentativas, muitas vezes feitas, para o abolir. Encetou-as o Papa Pio V que em 1566 proïbiu as corridas de touros em toda a cristandade, lançando excomunhão maior contra os

Os famosos forcados Cesário Augusto, Manuel do Botequim e Jerónimo Alfaiate. — O cavaleiro Diogo Henriques Bittencourt (desenho da época). — Um «intervaleiro»

que as permitissem, ou tomassem parte nelas. Talvez não fôsse estranha a esta resolução a sua existência em Roma, onde as tinham introduzido de novo os aragoneses no tempo de Calisto.

Conta Charles Yriarte, no seu recente livro, que no dia de S. João de 1500, nas corridas organizadas atrás da Basílica de S. Pedro, César Bórgia desceu, sem máscara, à arena, para combater a pé, vestido simplesmente com um porpoem, fazendo cinco *passes* de muleta matou os cinco touros que lhe couberam, *aux cris d'une foule en délire.* E de novo toureou, mas desta vez a cavalo, fazendo pomposas cortezias, por ocasião do terceiro casamento de sua irmã Lucrécia. Como se vê, estava de novo arraigado o gôsto por estas diversões na Roma dos Papas, como estivera na dos Césares. Não sei se a proïbição lançada pelo sucessor de Alexandre VI conseguiu o seu fim em Roma. Entre nós sei que foi pedida a Gregório XIII uma bula que novamente permitiu em 1573 as corridas de touros sob duas condições: 1.ª sendo-lhes prèviamente serradas as pontas; 2.ª serem corridos ùnicamente na presença do monarca.

A rainha D. Maria Francisca de Saboia tinha também decidida aversão a êste divertimento, nascida mais em dissabores ofensivos do seu orgulho e do seu coração, que no aborrecimento pelo próprio espectáculo.

Alguns casos característicos explicarão êsse ódio.

D. Afonso VI, lê-se num manuscrito, tinha uma amante freira no convento de Odivelas por nome D. Ana de Moura, fazendo-lhe contínuas assistências com grande indecoro e geral reprovação de tôda a côrte. E com tantos extremos da freira, que certo dia em que a referida religiosa fazia anos, indo el-rei para o pátio de Odivelas, tendo dado uma queda e vendo-se por isso obrigado pelos cirurgiões a sangrar-se, a freira para fazer uma fineza ao rei, sangrou-se também.

Um bisbilhoteiro do tempo, má língua, mas interessante, conta mais que tendo chegado o tempo de a cidade de Lisboa fazer festa a Santo António em 1667, assistiram aos primeiros touros suas majestades e sua alteza. Acabado o dia, soube a rainha que numa janela do paço estivera, vendo a festa, uma mulher conhecida «tanto pelo nome como pela vida, celebrada pela alcunha de *Calcanhares,* sustentada para feitiço de sua majestade. Sentiu tanto a rainha o desprêzo, que apaixonada se manifestou achacosa, sendo seu desgôsto a suspensão da festa».

(Continua na pág. I).

«Un brindis a caballo, lá mas bella
flor de la portugueza cortezia.
Cuando el toro arrancó, ya conocia
su obligacion de conjugar la estrella
con el signo violento del jinete.
Rayo certero, el vertical cuchillo
se le hincó en lo más alto del morrillo.
Torció el blanco caballo grupa y cola
y estalló el aire alegre banderola.»

GERARDO DIEGO

(Escrito em agradecimento a um brinde que o cavaleiro José Casimiro Júnior fêz, na Praça do Campo Pequeno, ao poeta espanhol D. Gerardo Diego)»

João Núncio — Foto de António Campelo

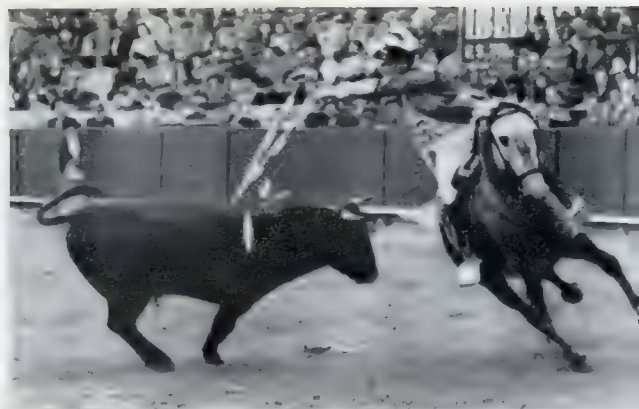
TAUROMAQUIA PORTUGUESA

CAVALEIROS E FORCADOS

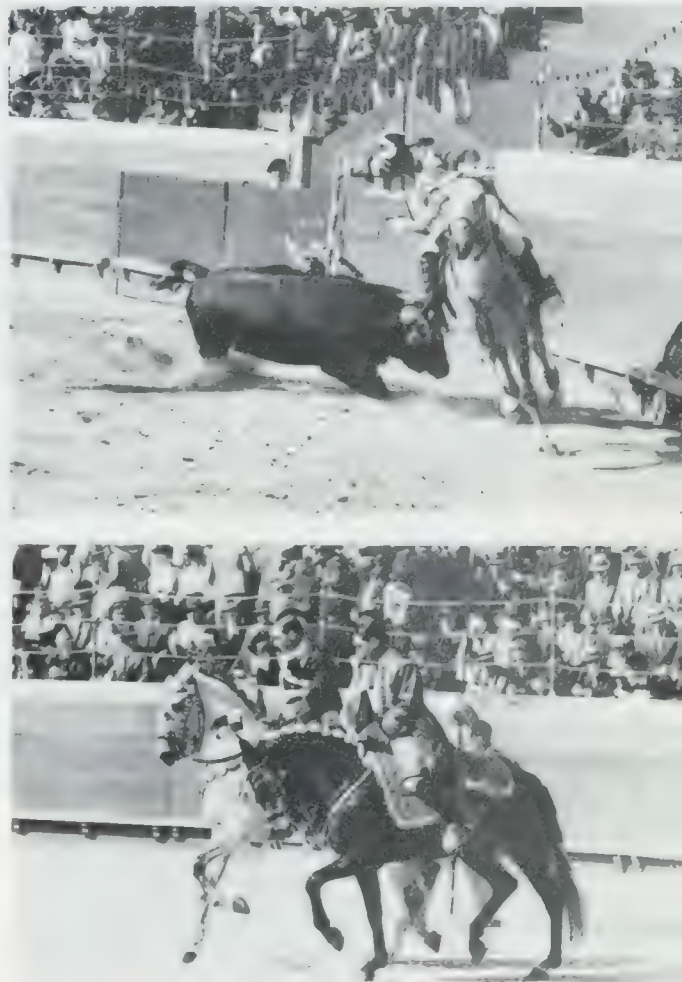
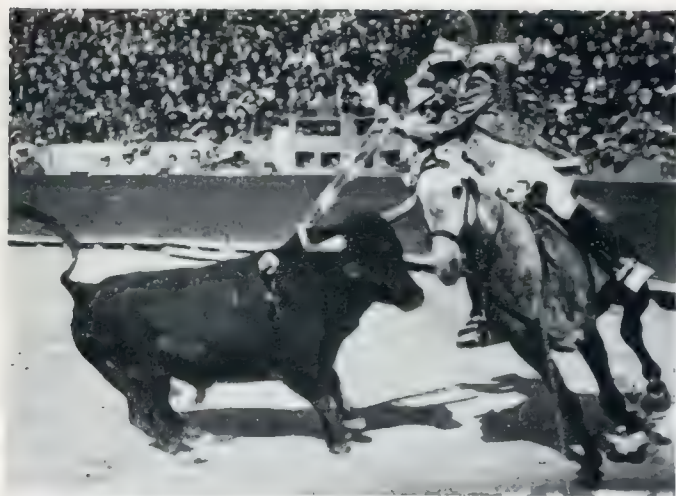
À portuguesa tradição do toureio a cavalo se referem já crónicas de Strabão, citando os antigos lusitanos como amigos dos jogos hípicos, com touros, e outras que dão notícia de D. Sancho II alanceando touros ao estilo da época, e as de Fernão Lopes em relação a D. Fernando, e as de Garcia de Rezende que descrevem el-rei D. João II no gôsto pelas touradas e fazendo frente e matando à espada um touro que em Alcochete lhe saíu ao caminho quando ia com a rainha. Outras crónicas descrevem façanhas do rei D. Sebastião como toureiro a cavalo, e dizem que o neto de Carlos V rojoneou em Cadiz, de abalada para o sonho de Alcácer. E muitos monarcas foram toureiros a cavalo, até D. Miguel que farpeou em Salvaterra, e na praça de Xabregas desta cidade de Lisboa, que teve redondéis no Rossio, no Terreiro do Paço, na Junqueira, no Largo da Anunciada, no local onde está o jardim da

Estas páginas evocam alguns períodos culminantes da história da tauromaquia portuguesa, fixando personalidades, momentos e aspectos de indumentária que lhe deram carácter diferenciado e «cartel» mundial. A vinheta, bem típica do barroquismo gráfico do nosso fim-de-século, foi extraída do programa da famosa tourada comemorativa do 4.º Centenário da India, que se realizou na Praça do Campo Pequeno em 20 de Maio de 1898, sob o patrocínio do «Real Club Tauromáchico Portuguez». Nela tomaram parte os cinco

cavaleiros cujos retratos se vêem ao alto, reproduzidos de gravuras da época, e que são — da esquerda para a direita — : D. António de Siqueira Freire (S. Martinho), Alfredo Marreca, Visconde de Alverca, Visconde da Várzea e D. Luiz do Rego da Fonseca Magalhães. Outras figuras notáveis da nossa arte de tourear estão aqui documentadas, tais como as dos cavaleiros Simão da Veiga, Pai e Filho (na Tourada Régia de Sevilha, em 1927); Alfredo Tinoco (de pé, na gravura da esquerda), Fernando de Oliveira (à direita e em baixo), e Joaquim Alves (a cavalo).

Estrêla, no Salitre, no Campo de Santana e agora no Campo Pequeno. D. Carlos criou touros e D. Luís e D. Miguel entraram em tourinhas. E quantos fidalgos lanceando e rojoneando nas festas dos nascimentos de príncipes e das suas bodas e nos torneios peninsulares com os continuadores del Cid e de Villamediana, nas Praças Maiores de Espanha, em nobre competência, por sua dama, em alardes de valentia e de pompa pela gente de cada bando, a cavalo e a pé, com as armas e as côres de cada qual! Em Portugal manteve-se e aperfeiçoou-se a Arte de Marialva, tomando o nome do grande senhor e cavaleiro a quem mestre Andrade dedicou o seu famoso tratado de

João Núncio e Simão da Veiga Filho, toureando em Vila Franca e em Lisboa. (Fotos de António Campelo). — Ao alto e à esquerda: Um grande momento de Simão, em Barcelona. (Foto de F. Sebastian).

equitação. Desde aqueles tempos, e até aos nossos dias, tēem sido sucessivas as gerações de cavaleiros tauromáquicos. Êstes e os forcados são os representantes do toureio português, uma vez que os bandarilheiros, e os antigos «capinhas», quási se limitam a imitar, até na indumentária, os seus iguais de Espanha.

Os cavaleiros tauromáquicos tēem indumentária própria: a casaca bordada e o tricórnio de plumas, e botas altas à Relvas — outro bom cavaleiro, do século XIX, em que brilharam também Mourisca, Tinoco, Castelo Melhor e

outros. E os forcados, que, como os campinos, são do Ribatejo, terra dos touros, também vestem de forma característica, e também têem sua arte, porque não é apenas função de fôrça o pegar um touro de cara, de costas ou de cernelha. Há que saber cair na cabeça da fera, evitando a violência do choque quando, para colhêr, humilha, e depois agüentar-se, «embarbelando» bem, ou, na melhor ajuda, torcendo bem a «pombinha», vértebra da cauda. E para se julgar da arte que pode caber em sorte tão rude, basta ver os últimos grupos de forcados--amadores, como os de Santarém e de Montemor, tão elegantes e pundonorosos, e até alguns profissionais que sabem dar terreno, com ritmo, com graça, como Edmundo e Garrett e os seus valentes conterrâneos do Ribatejo.

E tem ritual a sua aparição com a azémola das farpas, estas em duas arcas cobertas com pano rico, de veludo, que êles desdobram cuidadosamente ante a presidência, que manda recolher as caixas com os ferros para o uso da lide. Depois retiram-se os forcados para saltarem à arena quando o «inteligente» entende que o touro mete bem a cabeça e as hastes permitem a sorte. Os cavaleiros surgem, então, para as cortezias, outrora feitas ao som do hino real, caminhando passo a passo até sob o camarote da presidência, que saúdam em vénia de cabeça descoberta, depois recuando cerimoniosamente, voltando a avançar para se separarem nos cum-

Instantes sensacionais de toureio português, documentados por: Carmelo Vives, António Campelo e C. Figueiredo.

primentos às quatro partes da assistência, ladeando e cruzando-se no meio do redondel, e sempre no cuidado dos cavalos bem ensinados, e na praxe dos movimentos.

Assenta o toureio eqüestre em três princípios básicos: cravar de alto a baixo, ao estribo, e sem deixar tocar a montada. E, de uma maneira geral, além do mérito de equitador, necessita o cavaleiro de ser toureiro, isto é, de conhecer os touros e saber medir os terrenos. Carece o cavaleiro de firmeza de joelhos para as reac-

Três «moços de forcados» da velha guarda, trajados a rigor. «De caras»... e à portuguesa. — Foto de António Campelo.

ções do cavalo, que o deve temer mais a êle, que ao touro, boa mão esquerda para mandar rápido, e boa direita para cravar, com pulso para agüentar a resistência, e certeza para encontrar o sítio próprio, com precisão. E o cavalo deve estar ensinado para todo o toureio, especialmente para entrar e sair nas quatro sortes clássicas: de cara, à tira, à meia volta e à garupa. E quando tudo corre bem, em tarde quente de verão, e o público, entusiasmado, aplaude cavaleiros e forcados, êstes agradecem juntos, abraçando-se num gesto simbólico do seu convívio nos campos de Portugal — que a ambos dá o pão, o azeite, o vinho, e a alegria de viver ao sol.

EL TERRIBLE PEREZ

O fotógrafo amador Eng.º António Campelo fixou, nestes empolgantes instantâneos, a tradicional valentia dos nossos «moços de forcados».

CAVALEIRO TAUROMÁQUICO. — DESENHO DE ALMADA NEGREIROS

Foto de Manfredo

Escultura de Numídico

CAMPINOS E ESPERAS DE TOUROS

O CAMPINO

TEM características raciais o campino das lezírias do Tejo, onde constitui núcleo populacional àparte e oriundo, talvez, dos fenícios: morenos, até pela acção do sol, cabelo negro, ainda que abundem também os louros, fortes e ágeis de movimentos.

Vestem jaqueta negra ou castanha, com colete encarnado, calção azul, meia branca, feita a agulha — obra de suas mulheres, noivas ou filhas — e sapato de bezerro.

Cobrem a cabeça com barrete verde e, nos dias de festa, adornam o fato com botões dourados, ou de prata, e o escudo da ganaderia ou o brazão do amo, se êste é da nobreza, sôbre o coração, orgulhosamente.

Vivem em cabanas armadas nos serrados onde pastam os touros à sua guarda e, uma vez por semana, visitam o «monte», ou a aldeia mais próxima, para levar o que hão-de comer no seu isolamento: azeite, grão ou feijão, farinha de trigo ou pão já amassado e cosido.

Metem tudo em alfôrjes, que colocam sôbre os ombros ou na sela do cavalo, tal como a pele de bezerro que o cobre e como a manta que os defende do frio e da chuva.

Fotos de Manfredo e José Vanzeler Palha

Seu baile é o fandango, jôgo difícil dos pés ao ritmo do harmónium, fixos os braços pelas mãos metidas nos sovacos. E bailam em desafio, alternando em prodígios que dois exibem à compita até que os do conclave outorgam a vitória ao mais ágil e de maior fantasia nos passos.

Cavaleiros por instinto e hábito, «campinam» em recortes e comandam, e desafiam e castigam os touros com a vara que manejam hàbilmente. Quando correm os touros, entusiasmam-se como os mouros «correndo a pólvora», excitam-se, êles e os cavalos e os touros, em tropel magnífico, constituindo cavalgada heróica em que se confundem os homens, os touros e os cavalos, cada qual mais rápido e mais bravo.

Nascem entre choupos e salgueiros, nas lezírias e nos mouchões, e aprendem de tenra idade a arte de atirar pedradas certeiras aos touros que se desmandam enquanto o maioral, seu avô ou seu pai, dormita no cabanão. Crescem ao sol, e ao vento e à chuva, à intempérie e na solidão, longe dos centros e afastados

dos homens. Por isso são de poucas falas, e de poucos amigos, além dos touros, companheiros de todos os dias, de tôdas as horas. Conhecem-nos por seus nomes, e sabem os do pai e das mães, e estudam-lhes o carácter, e avaliam-lhe a bravura. Apreciam as reações dos bezerros na apartação das mães, quando da desmama, depois quando o ferro em fogo os marca com as letras da ganaderia, e os números, e as ovelhas sofrem o corte particular, o sinal, e quando a vara do picador os castiga para a prova da tenta. Curam-nos e cuidam que se não inutili-

Fotos de Manfredo e José Vanzeler Palha

«Ao montarem no cavalito ligeiro, resistente, sóbrio, papa-léguas, veloz, lançam-lhe sôbre o costado um albardão enchumaçado a peles de cabra ou de carneiro, à frente a manta raiana, atrás o alforje, e empunham o «pampilho» aguçado, que umas vezes cravam na carne das rezes e outras elevam ao céu, prolongando com as suas hastes finas o «élan» místico dos arvoredos».

RAUL PROENÇA

zem nas lutas que travam uns com outros, para disputa da fêmea ou da supremacia de mandão. Finalmente, um dia enjaulam os que hão-de ser lidados nas arenas, e acompanham-nos. Se saem bravos, grande alegria tem o campino; se mansos, à volta ao campo, metem-nos à charrua, na difícil «amansia na brocha» e o que não pôde ser touro fica sendo «boi da terra», e passa a ser olhado com desprêzo, pelo menos com tristeza, porque o campino sofre com o fracasso, com a perda do amigo. Passa o «boi da terra» aos cuidados dos que a lavram, embora ofereça sempre a vantagem da educação que o campino lhe deu, trabalhando de sol a sol, sem descanso, e comendo de manadio, dormindo à intempérie. Mas já não se defende dos homens, como antes fazia, quando era bravo e se sabia forte para lutar. E o campino, aristocrata da lezíria, olha dos pontos mais altos os que trabalham nos baixos, os mansos. Os seus cuidados vão agora para os que ainda podem ser touros bravos. E quando a cheia impetuosa ameaça os gados, o campino trata de salvar antes os touros, os bravos, os seus amigos. E como êle procedem os seus, a sua gente, tôda empenhada pela sorte da ganaderia brava, que é o orgulho do campino, a sua honra.

ROGERIO PEREZ

ESPERAS DE TOUROS

ANTES-DE-ONTEM. 1885.

Os touros vinham por «seu pé» das lezírias, entre cabrestos e campinos. Chegavam, na manhã de sábado ou de véspera de tourada real aos pastos das Marnotas.

Pingado o meio-dia na tôrre de Frielas, surdiam as primeiras tipóias com os primeiros aficionados — que eram sempre os mesmos.

Ao largo, o «Caraça», boi de cavalo — quarenta arrobas de pêso e quási quarenta corridas no pêlo — suspendia a passada plácida e levantava a focinheira malhada, bebendo ares, muito sabido. Pôsto o que, dava uma «toitiçada» na «choca» mais próxima, produzindo em tôda a manada alarme e grande restolho de chocalhos.

Já tinham vindo mais tipóias. E mais gente — ginetes fidalgos, e picadores, e amadores montando pilecas de aluguer. E todos consideravam, mais ou menos entendidos, a estampa dos «bichos», que prometiam façanhas para o dia seguinte.

Ao cabo da tarde, o Ezequiel de Carvalho, escarranchado na sua famosa «Andorinha», sentenciando num conciliábulo de campinos, decretava a abalada. Encabrestavam-se os touros, entre correrias e gritarias. E primeiro a passo,

depois a chouto, e depois a trote, ganhava-se o caminho — onde, à cabeça, entrava a cavalgada flamante, e no coice, desconjuntando-se e levantando-se, nuvens de poeira, de pragas, de chicotadas e de clamores, o tropel dos trinta, quarenta ou mais carros de praça, que às proximidades tinham acorrido.

A Calçada de Carriche galgava-se a galope desenfreado, no imenso tumultuar daquela caravana, que parecia vir do Inferno, endoidecida. Endoidecidos também, pareciam os gaiatos, os saloios e saloias, os estúrdias e as loureiras, que se apinhavam nos muros e nas árvores — berrando com todos os bofes, batendo latas, botando ao passo dos touros, bombas de «lepes» e de vintém.

Que o espectáculo não tinha só êsse primeiro acto — das Marnotas e da Calçada do Carriche. Pois, ao longo do resto da tarde e princípios da noite, prosseguia. A manada, em segundo repouso, nos baldios, onde se levantou, ao depois, a Praça do Campo Pequeno; as «hortas» do Campo Grande, atestadas de aficionados, em comesainas e descantes; e no fim — cada vez mais cavaleiros, e mais tipóias, e muito mais povo endiabrado — a largada final, delirante, na «ponta da unha», para a Praça do Campo de Santana, ao comêço da madrugada. Nem um tremor de terra, sacudindo as casas — nas outras noites calmas — que lindavam a velha Estrada do Rêgo, ou aquelas que, passadas as portas de Arroios, se erguiam nos quarteirões, de ali aos Paços da Rainha! Nem

o Fim do Mundo—que lembrava, no seu trovejar de furacão, deixando, por detrás das vidraças, estarrecida e a persignar-se, a acordada gente boa e beata dêsses bairros de Lisboa!

Mas o «Arreda» ou o «Paço de Arcos», batedores de monta, haviam sido os primeiros a chegar à praça, ganhando a bandeira. Haviam-se tresmalhado touros, que surgiam, de repente, no Rossio ou perto do Passeio Público, pregando sustos — e, às vezes, marradas funestas — aos alfacinhas tresnoitados. No José do Borralho ou no José do Altinho, entre pratos de meia desfeita e cangirões de torrejano, a fina flor da Lisboa de fins de Oitocentos, passava a noite, divertidíssima e enternecidíssima, a comer, a beber, e a ouvir castiços fadunchos, cantados pela Chica dos Camarões e pelo Augusto Diguidão. E Tomás de Melo escrevia, com muita razão e verdade: «— uma espera de touros é o melhor de todos os divertimentos para o bom e pacífico povo de Lisboa».

*

HOJE. 1945.

Já se não esperam touros, em termos da cidade de Lisboa. Que já não vêm, «por seu pé» até às Marnotas. Mas sim, de combóio e — como qualquer outra mercadoria — em caixas enormes de madeira, que sòmente são abertas nos currais de suas duas praças. E já — adeus, «Caraças» e «Foguetes», de quarenta arrobas! — nem touros são. Apenas simples — e, às vezes, inofensivos — garraios.

Contudo, por Vila Franca de Xira, ainda o velho espectáculo típico tem um certo aparato, no seu actual arremêdo. Sem tipóias, sem bombas de vintém e sem «meias desfeitas». Há mais vinho, talvez... E, de vez em quando, — como voz de saüdade — a voz de alguma Chica dos Camarões em voga, ou de algum Augusto Diguidão moderno, ainda canta, de véspera, por qualquer taberna da terra, um dos seus fados literatizados... E ainda tem, muitos aficionados, espectáculo a seu gôsto. Apesar do seu ar de entremez — com touros tresmalhados, ou largados, de propósito, para com êles andarem alguns atrevidos, muito bebidos, em brincadeiras à «Pai Paulino», a divertir, às gargalhadas, quem os vê de palanque. E a arreliar quem os trata, depois, no Banco do Hospital de S. José.

*

DEPOIS-DE-AMANHÃ. 1985.

Se ainda houver touradas, ou coisa que as valha, em Portugal (o que será — vamos lá!

Ferro da antiga ganadaria de Rafael José da Cunha (da Golegã), que por sua morte a deixou a Francisco Tavares Bonacho, pai de Francisco Bonacho dos Anjos.

Francisco Tavares Bonacho, que foi guarda-livros e herdeiro de Rafael José da Cunha, passou a marcar o seu gado com o ferro que acima reproduzimos

No Vidigal (Lavre) a Casa de Bragança possuia uma importante ganaderia, que foi vendida em 1910 para Espanha, e cujos ferros eram estes aqui reproduzidos.

Esta era a marca da antiga e valiosa ganaderia de Faustino da Gama (em Óbidos), que a legou a Luiz Xavier da Gama, sendo depois vendida para Espanha.

Marca da produção de Emílio Infante da Câmara, pai de Emílio e de José Infante da Câmara, que recentemente dividiram entre si a propriedade da ganaderia.

Alves do Rio, que foi um dos nossos maiores criadores de gado bravo (em Coruche), estigmatizava os seus touros com esta marca, de renome peninsular.

Pinto Barreiros adoptou êste ferro para marcar os touros criados na sua ganaderia do Carregado — onde foi grande produtor o Marquês de Castelo Melhor.

Outro ferro famoso: o de José Pereira Palha Blanco (Vila Franca de Xira) cuja ganaderia pertence hoje a seus netos — José, Carlos e Francisco Palha Blanco.

Com êste monograma se ferra o gado produzido na Herdade de Rio Frio (Montijo), que o criador José Maria dos Santos legou a Santos Jorge (Samuel Lupi).

Romance do Cavaleiro Tauromáquico

Por
CARLOS QUEIROZ

Quantos olhos há na praça
— O grande oceano d'olhos! —
Todos se cravam no touro
Que é o terceiro da tarde.
Saíu do curro ao invés
E com as patas trazeiras
Anuncia a tôda a gente
O fogo que traz com êle.
Então volta-se e, de súbito,
Ergue a cabeça quadrada;
Até os leigos percebem
Que tem os cornos errados.

¡Como é triste o cavaleiro
No seu cavalo cinzento
Com a cauda a espadanar-lhe
As altas pernas nervosas!
¡Como é triste o cavaleiro
No seu barroco trajar,
Erguendo na mão o ferro
Alegremente enfeitado!
¡Como é triste o cavaleiro
Na sua nobre elegância
Que faz refluir em pêso
O grande oceano d'olhos!

Há um cheiro indefinido
Que o sol aquece no ar;
Um surdo som de patadas
Abre poços no silêncio;
O cavalo dá um pincho
Que entusiasma os fotógrafos;
O touro fica especado
Com labaredas na bôca,
E o grande oceano d'olhos
Já começa a encapelar-se
Em ondas que vão e vêm
Inundando a praça tôda.

¿Onde irá êsse toureiro
Que leva de rôjo a capa
Na sua veloz corrida
Mesmo rés-vés à trincheira?
¿E o que salta ao redondel
Sem que pareça preciso,
Com um par de bandarilhas
Nas pontas dos dedos ágeis?
¡Como é triste o cavaleiro
No seu barroco trajar,
Citando o touro a distância
Com um gesto imperial!

¡Oh, mas a raiva dos brutos
A quem a beleza ofende!
(Saíu do curro ao invés
E tem os cornos errados).

Há um murmúrio disforme
Que se prolonga e mistura
Com o cheiro indefinido
Que o sol aquece no ar.
E o grande oceano d'olhos
É coberto pelas pálpebras
— Que nós somos portugueses,
Não gostamos de ver sangue.

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

MANUEL CASIMIRO

Um dos mais notáveis cavaleiros tauromáquicos do nosso fim-de-século. — Fotografia pertencente ao Museu da Praça de Touros do Campo Pequeno

MARIALVISMO

por EDUARDO PINTO DA CUNHA

A escala dos valores e a nitidez dos ideais que atraíam os homens das classes superiores da segunda metade do século passado, podem estudar-se na observação daqueles inúmeros retratos em que os indivíduos dêsse tempo deixaram fixados os traços fisionómicos e atitudes, na esperança íntima de assim ficarem eternamente recordados. Nenhum dêsses pequenos cartões empalidecidos representa o que aquêles homens eram, mas diz-nos, claramente, aquilo que queriam ser. Porque, no instante preciso em que se dispara o que a objectiva de uma máquina fotográfica colhe, com a rapidez inflexível do cutelo de uma guilhotina, é, sobretudo, a expressão do sonho íntimo do retratado.

Repare-se na fotografia dêste *marialva:* — Sentado à cavaleira, as pernas moldadas pela calça cingida às carnes rijas, arqueadas, como a apertar duramente os flancos de uma imaginária montada; o chapéu desabado, inclinado para a nuca, deixa-lhe a descoberto as madeixas de cabelo esfarpado que lhe encobrem a testa e as fontes, ainda no gôsto napoleónico; o casaco, curto e justo, revelando uma musculatura propositadamente retesada, abre-se sôbre uma gravata onde se espelha, como alfinete, um símbolo hípico — estribo, ferradura ou chicote enrolado. A face estirada, emoldurada em

Marquês de Belas. – Alfredo Anjos (Conde de Fontalva). – Marquês de Castelo-Melhor

curtas patilhas, cortada por um bigode, termina com o beiço inferior pendente numa expressão de desdém por um mundo irremediàvelmente hostil e desleal. ¿Que pretende representar êste homem? Porque se deixou retratar dêste modo, numa pose de alguns segundos, estudada meticulosamente? Antes de mais nada, o retratado deseja imprimir no espírito de quem o contempla a ideia de que é um *Homem*. Não apenas o indivíduo do sexo masculino — isso é sòmente a base de que se ergue a sua aspiração, e pouco significa para o que ambiciona — mas o *varão* na sua completa e desabrochada varonilidade. Quis que o seu aspecto, tal como o concebe, com os atributos de que se rodeia e ornamenta, sugiram, de pronto e sem equívocos, a imagem do *varão*.

É êste o primeiro e profundo ideal do marialva: a masculinidade. Não pretende parecer um sábio, como alguns dos seus avós do século XVIII, que escolhiam, para fundo dos seus retratos, eruditas bibliotecas; nem acaudalado homem de negócios, como os seus contemporâneos de barba à passa-piolho e pesado grilhão de oiro no ventre omnipotente; nem inspirado poeta à Chateaubriand, acabrunhado pelas dores de viver; nem, sequer, um elegante ou formoso moço. Não. Todo o seu esfôrço e cuidado se orientam a realizar o tipo exacto do que êle concebe como a expressão máxima da varonilidade.

Nascido e criado nos confortos da abastança, repudia, logo que pode, os requintes de que os seus se rodeiam, como amolecedores das energias que precisa para bem cumprir a sua missão. Porque êste indivíduo tem uma missão que não consente repouso nem desvios. Tem que ser um Homem. E o conceito de Homem, para um marialva, é que pode lançar alguma luz sôbre a sua complicada personalidade.

Duas linhas de distintas origens convergem a formá-la. Uma, vinda de longe, das tenebrosas regiões da étnica, segue através de vários acidentes e obscuridades ao longo de tôda a história da vida social da Península; é o gôsto do plebeísmo, dos contactos populares, desde os amores, às companhias e aos festejos. Vê-mo-la nas danças e folguedos de D. Pedro, nas aventuras amorosas dos reis e grandes do reino, com o rasto de filhos naturais de mulheres plebeias, até aos bailes do século XVIII, onde Bekford já estranhava — como certa noite em casa do Marquês de Tancos — ver os moços aristocratas abandonar as salas para irem dançar no páteo com as raparigas do povo. A vida de sociedade, o convívio com senhoras e as naturais exigências e cuidados de traje e maneiras, confundiram-se, quási sempre, no espírito do Português, por especial idiossincrasia, com a idéia de efeminamento. A esta tendência para mergulhar na plebe, como à procura de um refrigério de simplicidade ou de rudeza vivificadora, que é ancestral, junta-se a imensa influência que o romantismo conserva. É dêle que recebe, adulterando-a ao jeito nacional, a idéia de um medievalismo literário, em que uma nova noção de Cavalaria — com a busca de aventuras perigosas, o risco da vida, as lutas desiguais e um complicado código de honra — florescem de novo. As garras aceradas dos dragões fabulosos foram substituídas pelas pontas agudas dos toiros que se desafiam e dominam; os génios do mal, por êsses traiçoeiros *faias* que se procuram em combates singulares e sangrentos. O culto e o respeito pela Mulher, como representação da fragilidade indefesa e prémio que merecia a coragem masculina; a lealdade aos companheiros, o serviço dos fracos e desprotegidos, são elementos que intervêm no conceito da missão que o marialva atribui ao Homem.

Êle foi, no tempo, a primeira rebeldia contra o burguesismo da época. Nos seus lares, legítimos ou ilegítimos, nos ares melancólicos das filhas lânguidas ou das esposas suspirosas, até nos da inevitável e remexida andaluza, o Comendador e o Visconde encontravam sempre, ameaçadora da sua paz, a sombra aborrecida de um marialva, tilintando as esporas e retorcendo agressivamente as pontas do bigode.

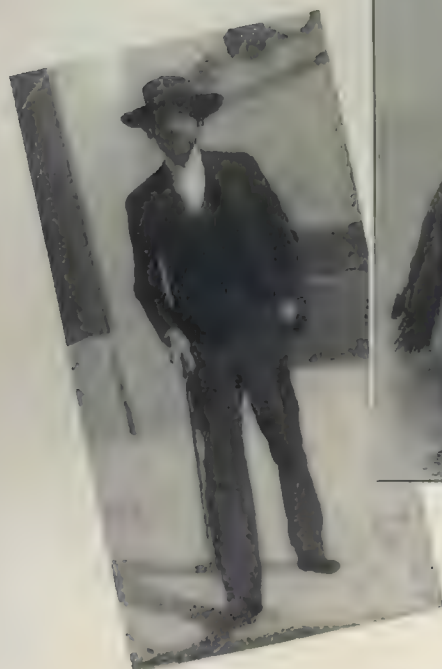
No entanto, neste capítulo, quási não havia dramas, porque o marialva — justiça lhe seja feita — tinha um tão alto conceito de honra da mulher, que tudo sacrificava para a não comprometer. As aventuras ficavam secretas, porque os homens daquele tipo não tinham a vaidade dos fracos, mas sim o orgulho dos fortes e consideravam-se desonrados se, por sua causa, um nome feminino andava

Na página seguinte: — Em cima: Carlos Relvas e Visconde da Graça. Em baixo: Alfredo Marreca e um «dandy» da época. Ao centro: O Conde de Fornos

nas bôcas do mundo. A sua vida sentimental era tão severamente resguardada, que nem aos íntimos se consentia aludir-lhe.
Durante três anos, Sebastião da C., a pedido de um amigo, conduziu um *coupé,* onde êste se encontrava com certa senhora da sociedade, e nas frias noites de inverno, ao vento e à chuva, especado na almofada, nem uma só vez sentiu tentações de volver a cabeça, para entreolhar quem entrava ou saía do carro. Morta a aventura, nunca mais êstes homens trocaram uma palavra sôbre o caso e, quarenta anos passados, ainda Sebastião da C. ignorava quem era a senhora que transportara, noites infindas, através das ruas de Lisboa.
Certa tarde, o Conde de X, conhecido e elegante bisbilhoteiro, aproximou-se de um grupo de marialvas e segredou-lhes, radiante de prazer, que ia desvendar um mistério amoroso, pois vira entrar uma senhora em certo prédio da Baixa, e propunha-se aguardar-lhe a saída, para saber quem era o homem que a esperava. Partiu com as faces vermelhas por duas valentes bofetadas, aplicadas pelo marialva que lhe estava mais próximo e, meio século passado, ainda vimos um dos do grupo recusar--lhe a mão, recordando esta cena.
Tudo isto não perdoará aos marialvas muitos dos seus mínimos pecados?
Um pouco à margem da vida oficial, onde nunca levavam os seus modos ou costumes, espraiavam as suas estuantes energias na sociedade aventurosa dos seus irmãos em nomadismo: os alquiladores e ciganos. A êstes foram buscar o nome da curiosíssima linguagem que empregavam: o *calão,* forma lusitana do *calé* — e era seu reino indisputado o recinto das feiras e dos retiros fora de portas, os gabinetes dos restaurantes nocturnos e as vielas de Alfama ou da Mouraria, onde lutavam com os *faias.* Mas, se acaso, por obrigações de cargo ou de família, subiam aos salões da sociedade, primavam comportar-se com distinção exemplar, acentuando uma requintada cortezia para com as senhoras — o que também hoje se recorda com saüdade.
Foram-se extinguindo, pouco a pouco, como fauna rara que já não encontrasse o *habitat* próprio, asfixiados por fórmulas de vida menos nacionais e que alguns pretendem superiores, mas ¿haverá algum português legítimo que, em qualquer momento, não tenha sentido vibrar, no mais íntimo do seu ser, aquêle ténue fio sentimental que o liga ao *marialvismo,* permitindo-lhe compreendê-lo, desculpá-lo e, talvez, recordá-lo com saüdade? Haverá algum? Há, sim: os outros.

Manuel Casimiro. (Em 1887) — *Vicente Joaquim Esteves*

A VIDA BOÉMIA

ELEGANTE E PITORESCA DE LISBOA DE HÁ CINQÜENTA ANOS

Gualdino Gomes, em 1880. — D. António de Portugal. — O Conde de Paço Lumiar, «o último janota de Lisboa».

HÁ um grande e curioso livro a fazer sôbre a vida boémia, elegante e pitoresca de Lisboa nos fins do século passado e princípios do nosso. A bibliografia nacional, comparada com a de muitos outros países, é pobre de *crónicas* e *memórias*, ou sejam os repositórios dos acontecimentos, anedotas e costumes coevos mais significativos, que ilustram e explicam a evolução das sociedades. O *anedótico* exerce, nos domínios da historiografia, uma função primordial. Há ditos de espírito, «blagues» e «bromas» que por si próprios bastam para a rápida identificação de uma época, de um povo, até mesmo de uma cidade.

Não escasseia, contudo, entre nós, a necessária documentação para a factura dessa obra. O que ela está, é dispersa em monografias, revistas, magazines e jornais, onde foram focados numerosos aspectos, figuras e peripécias do lugar e do tempo a que nos reportamos. Só falta reüni-los, cotejá-los, extrair dêles o essencial e, depois de uma laboriosa impregnação do seu espírito, tentar a síntese compreensiva e reveladora. Ramalho Ortigão, Júlio César Machado, Silva Pinto, João Pinto de Carvalho e vários outros cronistas de igual têmpera, são, para o efeito, de imprescindível consulta. Mas não podem esquecer-se os artigos evocativos que entretanto e posteriormente se publicaram, assinados e anónimos, em dezenas de periódicos. E isto porque, jovens ainda na última década de oitocentos, muitas dessas figuras marcantes na sociedade portuguesa só mais tarde morreram,

impelindo a curiosidade dos jornalistas à descoberta e fixação de traços, anedotas e pormenores biográficos até então ignorados do público.

O certo é que a vida da capital se modificou inteiramente. «Quarenta anos sôbre a Lisboa de ontem — escreveu, há tempo, Leitão de Barros — transformaram-na e adormeceram-na. Não nasce, hoje, um poeta! Os espectadores de teatro já não desatrelam os cavalos dos carros das *estrêlas*. Tôdas as manifestações que davam carácter, imprimiam personalidade, coloriam de tons próprios e ingénuos a vida da Lisboa do princípio do século — perderam-se. Criaram-se outros aspectos? Não os discuto. São melhores? São piores? Não sei. São outros. Mas uma coisa se perdeu: carácter e pitoresco».

Eis o que a muitos leitores desta revista deve parecer estranho, ousado, irreverente — para não dizermos herético: afirmar que Lisboa está *adormecida*, agora, precisamente agora, no tempo dos «táxis» e dos «swings», em relação à modorra das «tipóias» e das «valsas»... Mas êsses leitores são, ou os muito jovens, ou aquêles que ignoram que os ritmos mais significantes são os da vida interior, e não os da superfície, mecânicos ou gesticulares. A uma existência frenética pode corresponder (e corresponde muitas vezes) uma vida estagnada. Não é a velocidade nem a inquietação de movimentos e falas que constituem o índice da vitalidade social, mas sim o estilo e carácter da vida do homem.

Foram êsse estilo e êsse carácter da vida lisboeta de há meio século que Leitão de Barros sintetizou nessa brilhante crónica, de que vale a pena, como se verá, transcrever alguns passos:

«Tipóias no *Camões*, sob as olaias, nesse tempo em que ao lado se ia beber o capilé no quiosque e o elevador da *Estrêla*, na sua «raquette» triunfal, dava com grande estrondo a volta ao largo, enquanto o condutor saltava para a rua, de braço erguido e apito, a tomar conta; Carnaval na avenida com batalha de flores e a

Era assim que os elegantes lisboetas de há cinqüenta anos se apresentavam nas praias, nas corridas de cavalos e nas «batalhas de flores» do Carnaval. – Fotos Benoliel.

No restaurante «Barrete Verde» (ao Bairro Alto) ainda hoje se revive a boémia alfacinha dos velhos tempos, num pitoresco ambiente de «aficcion» e de fado. — Fotos de Horácio Novaes.

Ao centro: Luiz de Oliveira Calheiros (Conde da Guarda).

Rainha, no «landau», atirando violetas e saquinhos de bombons; cartolas na Havaneza; «coupés» do beija-mão no Paço, à espera na Ajuda; procissão da Saúde, com sol, apertões, facadas e cheiro a incenso; tourada de fidalgos no *Campo Pequeno,* à custa do Fontalva, e muitos coches dourados, e o País inteiro de botas novas e lustrosas, à chegada do Kaiser; Cascais, a «esplanada», o banho dos príncipes; os comícios cheios de eloqüência, suor tremoços e pevides, de cravo ao peito, «lavaliéres», panamá e badine, nos terrenos desertos das avenidas por abrir e das idéias feitas palavras; corridas de automóveis na Pimenteira, «écharpes» ao vento e muitos óculos; «tennis» de saia comprida, futebol elegante de bigode e camisolas às riscas dos Pinto Basto; bicos Auer, primeiro telefone, Sarah Bernhardt, «boas» e Júlia Mendes; Grupo do Leão, Fialho à esquina, festas do Burnay—silhuetas perdidas do Ramalho, de calça inglesa aos quadradinhos, do Junqueiro esquálido, do Sabugosa feliz, do António Cândido, clássico; o reumático do Zé Luciano, a luneta do Hintze, a malva do Teófilo; os «manos Rosas» — rechonchudo peralta, um, magro, sóbrio e gago, o outro; a figura do louro Brazão aristocrata, do Taborda novêlo de rugas e do Vale cara de rã; festas da Côrte; Sintra e as tourinhas dos infantes; Belém e as cavalhadas; farsas do Ginásio, com o Cardoso e o Telmo; festas do povo, perus do Natal em S. Domingos, como no século XVIII; Carnaval à bruta, com pastéis de nata no *Chiado;* procissões, doces de convento e livros proïbidos; círios, vinho, calor, pancadaria; alegrias, rancores, orgulhos lisboetas; audácia, jôgo do pau, descomposturas; o «Dias da Polícia», o juiz Veiga; caricaturas do Bordalo e quadros do Malhoa; escândalos, duelos, o Fado, o Bairro Alto, sangue, desordens, campanhas, panfletos — a vida, enfim!... Tudo isso passou!»

Havia, além de tudo isto, uma elegância especial no trato e certo requinte no trajar. *Janotismo* ou

Em baixo: O moço de forcado amador Ernesto Caleya

pinoquismo, a verdade é que essa distinção de maneiras e apuramento de indumentária denunciavam um estilo de vida, talvez excessivamente espectacular, por vezes tocado de ridículo, mas que se impunha e fazia escola, abrangendo um conceito de virilidade que podia atingir o heroísmo, se a honra estava em causa.

Janota dos mais famosos foi o conde de Paço Lumiar — «o último janota lisboeta», como ficou a ser conhecido — que morreu, há cêrca de vinte anos, quási ignorado e pobre, numa casa da praça do Rio-de-Janeiro, depois de lhe terem selado, por justiça, o seu sumptuoso palácio da rua António Maria Cardoso. «Em novo, quando ainda rugiam os leões na Lisboa tristonha, emparceirava com êles e, se não florescia em espírito — isso não — como o Condeixa, ao menos arvorava as suas quinzenas de talhe impecável, usava as suas luvas de Londres, e as suas gravatas tinham o cunho da suprema elegância, o mais difícil de chancelar: o da simplicidade, reveladora do bom gôsto». Assim o evocou, há anos um cronista, acrescentando êstes traços, que definem uma figura característica da época: «O Conde de Paço Lumiar atravessou as ruas da capital nas suas carruagens à inglesa, brasonadas, os da boleia sobrecasacados de negro e calção branco; deu banquetes em esplêndidas baixelas e, tendo sido o espôso de uma das mais formosas senhoras lisboetas, amante de algumas não menos belas, conquistador por vaidade de peralta, assim começou a envelhecer sem mudar os modos, mas seguindo as modas num hábito de grande senhor, atento às etiquetas, correcto, acepilhado, todo de maneirismo e boa educação».

Outra personalidade bem típica do nosso fim-de-século foi D. António de Portugal. Filho do Marquês de Marialva, Conde de Redondo e Vimioso, era o maior equitador e o maior cavaleiro tauromáquico do seu tempo — em que já se distinguiam, pela bravura e garbo nas mesmas lides,

Alfredo Marreca, Tinoco e o Marquês de Castelo-Melhor. Na sua mocidade, D. António de Portugal passava o tempo nos touros e na caça. Tomou parte nas principais corridas beneficentes organizadas pela família real, nos reinados de D. Luís e D. Carlos; brilhou nas cavalhadas, caçadas reais e torneios hípicos mais notáveis. Com sessenta anos — em 1910 — lidou touros em pontas e *matou*, numa tourada promovida, em Buenos-Ayres, pelo Morgado de Covas. Foi o seu canto de cisne. Voltando a Portugal, limitou-se, de então em diante, a ver tourear. Mas — contavam os seus amigos mais íntimos — sofria com isso, por vezes até às lágrimas.

Outra personalidade representativa dessa época foi Gualdino Gomes — que ainda hoje, a caminho dos noventa anos, deleita uma estreita roda de admiradores e amigos com o brilho e a graça do seu espírito perenemente juvenil. Culto e sensível, irónico e amável, sempre correcto no trajar e elegante nos modos, Gualdino Gomes é o arquétipo dos conversadores, espécie preciosa e já rara de indivíduos que perdulàriamente convertem o ócio em crítica, em novela, em poesia e memórias faladas. Está por fazer o justo elogio dessa estirpe de letrados, muitas vezes sem obras publicadas, mas a quem a literatura, a arte e a própria ética devem bem mais do que à primeira vista parece. Uma frase de espírito, uma quadra, uma alcunha ou uma anedota disparadas a tempo, no decorrer animado de uma conversa íntima, e logo, entre risos, divulgadas pelos ouvintes, (quantas percorrem no mesmo dia, como bichas de rabiar, todos os bairros da cidade!) podem exercer uma acção crítica mais eficaz e salutar do que um suculento artigo de jornal, um panfleto ou um longo discurso. Eis o papel que êste homem de espírito vem desempenhando, durante mais de meio século, na vida social portuguesa, com tão apurado sentido de qualidade e uma graça tão refulgente, que dêle fizeram o mais genuíno representante da «divina boémia» lisboeta e um dos companheiros dilectos e mais admirados pelos homens de escol das últimas três ou quatro gerações.

O rei D. Carlos num torneio de tiro aos pombos. – Dois aspectos característicos da vida elegante e boémia do nosso fim-de-século.

Pormenores da curiosa ornamentação do «Mesquita» — restaurante lisboeta freqüentado pelos últimos abencerragens do marialvismo. — Fotos de Mário Novaes.

E quantas outras figuras típicas a evocar! De nobres, de artistas, de escritores, de boémios e de populares — que um espontâneo movimento de cordealidade freqüentemente irmanava, nas procissões, nas romarias, nas feiras, nas esperas de gado, nas jantaradas fora de portas...
Há quinze anos, um redactor do «Diário de Lisboa» lembrou-se de entrevistar o último cocheiro lisboeta, o «Bitáculas». Pois também são dignos de transcrição, pelo que têm de documento vivo e pitoresco, os seguintes passos dessa entrevista: «Comecei de sota — conta o «Bitáculas» — na carreira do Silvestre, dando dianteiras desde o Intendente até à Perna de Pau, porque a freguesia sobrava para aquêles sítios e era de bom tom ir comer fora de portas, para os retiros da «Perna de Pau», da «Montanha» e da «Fonte do Louro». Começávamos a largar gente na «Águia Roxa», (que depois foi «Papagaio»), na «Bazalisa» e no «José dos Pacatos». E as esperas de touros!... Quantas vezes os fui esperar, com guitarradas, ali à Póvoa! Mas os cocheiros do meu tempo já lá vão quási todos: o «Lagarto», o «Pingalho», os «Serôdios», o «Planta», o «Arreda», o «Borbulha», o «Cambrainha», o «Lavadinho», o «Carlos Bonito», o «Roque Prêto»... pobres rapazes!
« — E os freguezes?
« — Boas pessoas! Aquilo é que era democracia, a daqueles fidalgos que nos sentavam à mesa e connosco alternavam no cantar do fado!»
«Bitáculas» podia ter citado outros nomes importantes, como, por exemplo, os da «Tia Leonarda», da «Tia Iria», do «Casaca» e do «António das Caldeiradas», donos de casas de pasto, ases de «comes-e-bebes.»
A loja dêste último era em Belém, debaixo dos arcos, do lado do rio. Reza uma crónica, inserta num velho semanário ilustrado, que os seus pitéus não tinham par, e que bastas vezes os saborearam os mais exigentes paladares, como os de D. João da Câmara, Fialho, Júlio César Machado, etc.. Rafael Bordalo, nascido ali perto — em Alcolena — deleitava-se em celebrizar a patrícia taberna, fixando, com a mais branda ironia, os grossos traços do exímio cozinheiro.

Continua na pág. V

AMÉRICO NOGUEIRA

REI D. CARLOS

Um dos mais entusiastas aficionados da tauromaquia portuguesa. — Foto de Silva Nogueira

MEMÓRIA POÉTICA ÀCÊRCA DAS TOURADAS Q̃. EM UMA ILHA DO ATLÂNTICO USÃO~

IMAGINADA E COMPOSTA POR CORREIA DE MELO

TÁBUA 1.ª

Nela se faz a descrição dos tovros do sertão da terra com seus pastores e cães e de tudo o mais q̃. em tal guisa aprouve de praticar.

CHEGAVAM de véspera, a hora crepuscular, do remoto sertão da ilha, por atalhos e veredas escavados nos tufos de bagacina, calcando sob os cascos rijos o cascalho requeimado da torreira dos vulcões.

Vinham do baldio áspero, eriçado de moroiços, de moitas pedregosas de silvado e urze, suspeitosos e matreiros, cobertos da praga das varejas, prontos a arremeter, num jôgo destro de hastes nuas e aguçadas como facas.

Eram seis touros de casta limpa, apartados a preceito pelos mordomos e «ganaderos» sabedores do ofício.

No outro dia, junto ao terreiro de qualquer santuário ilhéu, correriam de ventas fumegantes e olhos de labareda, por entre balcões e mirantes alvoroçados, no clamor sensual de um povo embriagado de sol e sugestões de sangue. Agora, precedidos pelas fêmeas ariscas, caminhavam, lentos e pesados, a ruminar nostalgias... dos cabeços de relva revestidos do mantrasto oloroso, e dos juncais musguentos de leiras empapadas.

No mato as madrugadas abriam-se em orvalhos e cantos de toutinegra, ao abrigo das faias e dos

tapumes de hortênsias. Era fácil, adivinhá-las, ali, nos olhos dos touros que caminhavam lentos.

Aquilo era de uma solenidade, quási hierática, de friso assírico, enquadrado nas aguilhadas bambas dos moços de pastoreio, com o rafeiro diligente à perna da manada e um repercutir de chocalhos pelas grotas e penedos.

O sangue atlântico de cinco centúrias assomava indómito naquela gesta obscura. Pressentia-se o rumor dos atavismos distantes, como um mistério ausente, do lume das crateras e névoas esfumadas das que dão mormaço.

Velha cêpa de longe de raízes longas, estremecia-a a seiva que lhe empresta a raça: mercadores flandrinos, filhos de algo, servos, donatários graves, grandes de Espanha, e aquêles que, entre o arado etrusco e rumos ao poente, ganharam terra e mar. Tudo perpassa e clama.

De repente a ilha já não é a ilha dos portulanos góticos lá no mar de milhanos.

Vagarosamente, descem das montanhas os seis touros pretos de hastes nuas, finas. Com êles vai o segrêdo velho dos velhos ritos do Egipto e Creta.

Ocorre-me Strabão, o da geografia poética. Há quanto tempo já, na perdida Atlântida, a fanfarra de cem tubas anunciou o mágico ritual da liturgia do encantamento? Ao longo das colunatas de pórfiro, entre hinos esotéricos e opas côr de púrpura, os touros sagrados caminhavam assim, vagarosamente, para a acrópole santa.

Os sacerdotes do mar foram ao mato da ilha e trouxeram braçados de rosas bravas. Com elas teceram grinaldas e enramaram os cornos dos touros que eram deuses.

E as rosas floriram as hastes finas, propiciatórias e votivas, e nelas refloriam os destinos intangíveis da sábia tàlassocracia.

TÁBUA 2.ª

Em q̃. um escrivão mui velho refere em seu traslado, á maneira dos assentos de linhagens, de como a ilha houve resgate dos de Espanha pelo grande poder e braveza dos bois do mato.

ORA sabei pois q̃. naquelle tempo aconteceu de se ajuntarem os homens bons da ilha e consertaram antre elles q̃. elrey de Castella ali não haveria parte. E puzeram trons e bombardas nos castelos da costa á beira do mar, e mandaram ás atalaias q̃. olhassem bem pera a lonjura das ondas ao pé do arco das nuvens. E assim tudo foi cumprido e os vizinhos da ilha fizeram seu conselho e nelle tomou assento muita multidão de clerezia, barões e mesteirais de seus oficios q̃. era causa de espanto. Ali alevantaram a voz por um infante de sangue limpo cujo era de Portugal, e retirando-se pera suas moradas diziam uns contra os outros: rey de Castella non hemos & rey de Castella non haveremos.

E todos eram mui contentes desto e mui aprestados pera a defensão do seu dereito, corregendo suas espadas com tal firmeza q̃. a ilha se mudou de penedia de milhanos em cabeça destes reinos.

Então elrey de Castella entrou em grande furia e mandou contra os da ilha muito de navios e de cavaleiros q̃. nelles poz, do melhor q̃. haver se pode imaginar.

E quando os castelhanos chegaram com grande

soma de velas e pendões ás ribas do mar pera fazerem guerra, entrou nos da ilha grande turbação ca elles eram poucos e os outros muitos. E um frey q̃. ia na peleja disse seu aviso pera uns da terra q̃. se fôssem ao sertão da ilha e tomassem quantos touros haver pudessem e os lançassem prestes contra os de Castella. E logo ali todos o tiveram por bom e assim se fez. E os q̃. vinham das naus em cópia de batéis, como avistaram os touros entrar pello mar dentro alevantaram grande alarido e com a pressa de se recolherem reviravam as embarcações. Os q̃. já eram em terra corriam em pós elles e logo pereciam afogados molestando-se nas fragas o q̃. tudo era gram mingoa de se ver.

Miragre foi senhores esto assim haver obrado a vontade de Aquelle a quem o universo dos astrais obedece em seu regimento e até as bêstas da selva mete em sujeição como dito foi.

E des i houveram os da ilha grande estimação por esta casta de bichos e fezeram muitas festas e danças pera q̃. durassem na lembrança dos da sua linhagem. Um castelhano q̃. era nas naves compoz uma troba em memória de tal feito, e dezia nella q̃. era maravilha haverem rezes bravas e de escuro entendimento vencido tão duro prélio qual fora aquelle, e esto contra a cavalaria das Espanhas de claro e esforçado prez q̃. a todos faz temor.

E por tudo esto seja Deus louvado antre as frores do paraiso no resplandor da luz amen.

TÁBUA 3.ª

Onde se amostra a indústria dos naturais da ilha em seus folguedos das touradas.

ESTRALEJAM foguetes na canícula inquieta. Num palanque rústico e enramado de heras, a filarmónica paroquial ataca o el Gallito. ¡Olé! Olé!

Perpassa um frémito de alvorôço irrepremido pelas varandas de ralinhos e os balcões alacres do arraial em festa. A multidão comprime-se feliz.

Na rua, em frente do touril, os aficionados de sempre espreitam a saída do garraio. Marialvas tesos e galanteadores foliões de pé ligeiro, floreiam para as janelas cortezias de presépio. Colhem-se no ar frouxos de riso, gritinhos de alevante, rebuços enjoados de certa menina de alfenim e rosas: — ai credo, que horror! — , *e ao longe, incrustada na tarde, a queixa musical do pregão ondulado e longo dos amendoins torrados:* ó bum mandonguiim...!

Alinham na fileira de honra dos janotas namoradores os emigrantes da América, dos bucólicos ranchos da Califórnia. Desta circunstância, inconfundível por seus modos e idioma, lhes advém no calão da sátira o desplicente designativo de calafonas. Como carta de liberal cidadania expressam seu sentir em «ameircano» puro, fantástica linguagem de vocábulos amolgados, em que o étimo da origem soa a latas velhas.

Constituem na ilha um tipo híbrido, de linhas de cow-boy *pegado à rabiça e à enxada, a alardear prosápias de* dandy *na sua dentadura de chapas amarelas, jaqueta enxadrezada, com debrum e racha, e cândidos borrifos de água de cheiro na marrafa airosa. Matam-se à légua pelo ranger das botas côr de laranja selecta, como duas naus de proas empinadas em hora de tormenta.*

Nos seus piropos, a ostensiva exibição da graça puxada ao natural intenta disfarçar o cobranto dos amorios em que todos se derretem, e é gozá-los então no desenrolar enfático de uma dialéctica nasalada de requebros e entoação da estranja:

Ó shôua! Yes! Ai que bũa genra prá minha mãi... well! well! Cámone!

Agora um foguetão alarmou o céu baixo de brumas, e cavou um ai suspenso de cansaço e espera no vozear confuso.

O boi vai arrancar. Aqui e além abrem-se clareiras na ruela estreita. A corda enorme que trava o cachaço do touro, principia a colear no terreiro êrmo, como um réptil imenso rolado num estrangulamento de mão em mão, pelos cinco pastores de enigmática rijeza.

Novo estoirar de bomba, e um mugido selvagem de raiva dolorida trespassa de espanto a calma vesperal. Com a carne retalhada de puas e pregos de aguilhão, a fera irrompe, num estrépido de jaula que rebenta, sangüinária e cega, impelida por um ímpeto desesperado de anavalhar, de destruir.

Depois, é o cáos da forma e do som: um turbilhão de poeira que se eleva e alastra, a gritaria estrídula das mulheres do monte ante a emergência das quedas e colhidas, homens que se entrechocam e esmagam, tomados do contágio do rebanho espavorido, varapaus que se ensarilham na corrida doida, pragas dos que resvalam nas escaladas frustes.

De súbito o animal estaca e estremece. Tonto de luz e da vertigem, encurva a cornadura soberba, pronto a dilacerar, e com bufos de sangue que lhe arroxeiam a baba, escarva o solo enervado e chamejante. Seus olhos de brasa e fúria coruscam chispas.

Num relâmpago de audácia saltam-lhe à frente, a acenar sombreiros, os diestros feros:

— Eh bicho! Eh valente! Eh lá...!

De novo o touro investe. É outra vez o desvairo do tumulto, o rodopio louco, os gritos em falsete a sugerir ventríloquos de angústia:

— Olha!... Olha!... Olha!... Ai inha mãe!

Retiro-me inquieto. Uma crueza doce vibra nos meus nervos.

FINIS
LAVS
DEO

Ilustrações de António Dacosta

VARIAÇÕES SÔBRE O FADO

MELOPEIA SINISTRA OU CANÇÃO NACIONAL?

por ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Noticiava um jornal parisiense, há um bom par de anos, que se travara rijíssima desordem num dêsses botequins característicos, híbridos da leitaria e da taberna, a que se dá o nome de *bistros,* entre um grupo de operários franceses e alguns operários portugueses que trabalhavam em França. O *fait-divers* nada teria de extraordinário se o motivo provocador da sarrafusca fôsse a política, o ciúme ou, mais natural e simplesmente, o vinho. Mas não. Relatava a sobredita notícia que a bronca nascera de um facto singular: os portugueses, gente pacífica e laboriosa, que conversava tranqüilamente entre si, haviam começado a certa altura a entoar uma «melopeia sinistra» *(sic),* que contendera com os nervos dos assistentes indígenas, a ponto de, não tendo os portugueses

acedido ao pedido de a interromper, antes proclamado com veemência o seu direito de a cantar. a coisa se azedara e aquecera a ponto de mandar parte dos contendores para a esquadra e os restantes para o hospital.

Não é difícil a qualquer de nós, portugueses, concluir que a tal «melopeia sinistra» era o *fado*, o nosso fado — faduncho, o rico fadinho do nosso coração. E aquêles selvagens que tão insensíveis se mostraram aos seus saüdosos gorgeios, deram prova cabal da mais obtusa estupidez e da mais tremenda falta de gôsto.

Devemos, no entanto, meditar nesta edificante parábola, tirando dela alguns ensinamentos úteis, de que julgo ser êste o principal: o fado é um amigo para uso interno, da ordem do pé descalço e do bacalhau com batatas. Todos nós sabemos que as varinas, por exemplo, não andam de sapatos de cinco bicos por miséria material: a varina é um dos membros mais abastados da sociedade lusitana, como o provam os longos e pesados cordões de oiro que enroscam ao pescoço. E quando uma postura as obriga a trazer, pelo menos, chinelos de trança, elas trazem-nos, sim, — mas na canastra. Todos nós nos pelamos por êsse peixe espalmado e salgado dos bancos da Terra-Nova, seja cozido, assado, albardado, em pastéis ou à Gomes Sá. Mas guardamo-nos bem de chamar para uma coisa a atenção dos forasteiros da estranja, nem de lhes servir a outra às refeições.

Na página anterior: Actrizes que interpretaram «A Severa»: Palmira Bastos, Emília de Oliveira, Adelina Fernandes e Angela Pinto (fotos de Silva Nogueira). — Nesta página: Dina Tereza (no filme «A Severa»), Júlia Mendes e Maria Emília Ferrreia

Pois com o fado devemos fazer o mesmo. Não é coisa que se entenda e aceite assim à primeira vista. É preciso... tê-lo mamado, por assim dizer.

Tal fenómeno dá-se, aliás, com determinadas coisas em quási todos os países. Só os norte-americanos natos são capazes de seguir com interêsse uma partida de *base-ball*. Só os ingleses gostam de *porridge*. Só os franceses acreditam nos seus políticos radicais. Só os japoneses praticam com entusiasmo o *hara-kiri*.

É claro que há excepções. Conheci dois franceses (o realizador Jean Renoir e o heróico e genial Antoine de Saint-Exupéry) que se deliciavam literalmente com desfeita de bacalhau com grão, afogada em azeite. Vi com os meus olhos Lucienne Boyer (que não é senão uma fadista francesa) revirar os olhos, na «Jansen», ao ouvir o Alfredo Marceneiro. Mas essas excepções só servem para confirmar a regra, muitíssimo geral: do fado, só gostam *a valer* os portugueses.

Pôsto isto, apresso-me a declarar que não vejo o menor inconveniente em que se dê ao fado o lugar que indiscutìvelmente tem na vida portuguesa, considerando-o, para todos os efeitos, *a canção nacional*. Muito pelo contrário: quando mais especìficamente portuguesa, pessoal e intransmissível, imprópria para exportação, e inacessível ao espírito de estranhos, mais nacional a havemos de reconhecer.

Amália Rodrigues, a apreciada «cantadeira» da actualidade. — Júlia Florista, que há muitos anos cantava fados nas ruas de Lisboa. — O cavaleiro António Luiz Lopes, no filme «A Severa».

Que o fado corresponde ao que há de mais profundo na alma portuguesa, sejam qualidades ou defeitos, não há que duvidar, pois vem do povo, o povo o canta, o ama e o sente. Seria insensatez negá-lo; renegá-lo — seria ingratidão. No fado vibra a mais autêntica nostalgia do nosso passado esplendor, e a mais directa emanação das nossas origens. O que há nêle de fatalismo árabe (como no *cante hondo* flamenco) é mitigado por alguns séculos de cantochão. Fundem-se nêle, assim, duas civilizações: a muçulmana e a cristã — ou, melhor: a católica. Isto é dizer que o fado é retintamente português.

Só os *snobs* o desdenham. É natural. Há que ter presente a etimologia da palavra *snob*, abreviatura de *sine nobilitas* ou seja: sem nobreza. Os verdadeiros nobres de Portugal, sejam fidalgos ou plebeus, gostam do fado e fazem muito bem. Desdenhá-lo é sinal de má têmpera lusíada, de cultura portuguesa entupida.

Estrangeirismos mal digeridos enquinam muita vez a veia dos nossos melhores espíritos. Daí provém o seu desprêzo pelo fado, que é só incompreensão. Preferem-lhe alguns certas melodias populares estrangeiras, e dão-nas como exemplo da manifesta superioridade alheia. Como se a valsa, a java, o tango e o samba, por exemplo, não fôssem respectivamente os «fados» de Viena-de-Áustria, de Paris, de Buenos-Aires e do Rio-de-Janeiro! Outro argumento é o carácter excessivamente local do fado, lisboeta

Alfredo Duarte (Marceneiro), Ercília Costa, Júlio Proença, Filipe Pinto e Armando Machado — verdadeiros ídolos do público freqüentador dos «Cafés e Retiros» onde se canta o fado

da gema e coimbrão por formatura *honoris causa,* o que lhe encurta, dizem êles, o alcance nacional.

É falso. As danças-canções supra citadas também são próprias das capitais, e delas se expandem caracterizando tão legìtimamente os respectivos países como certos monumentos: A Tôrre Eiffel, a Cibeles, a ex-porta de Brandeburgo, etc. E não me digam que é o vira, a chula, o fadango ou o zás-trás-pum-biribiribiribum que exprimem a alma da nossa gente!

Dança e canção, o fado *bate-se* e canta-se. Como dança popular, perdeu-se. Dela só subsistem as duas deliciosas estilizações de Francis, que conviria registar na íntegra por meio de fonocinema, para que não venham a desaparecer de todo. Como canção, ainda se *cultiva* (é o têrmo rigoroso) — graças a Deus! E até pode dizer-se que, desde a Severa, a Maria Vitória e a Júlia Mendes nunca houve tão admiráveis fadistas como agora. Amália Rodrigues e Maria Teresa de Noronha (de origens diametralmente opostas, mas ambas da melhor estirpe fadista) confirmam a aceitação que o fado tem em tôda a escala social portuguesa. Como elas o cantam, só Maria Alice o cantou neste século. Maria Alice está, infelizmente, retirada; mas os seus discos aí estão, para o provar.

Seria grave injustiça não pôr Hermínia Silva, com o seu estilo pessoalíssimo, nesta mesma primeira fila, e não reconhecer em Ercília Costa

Maria Tereza de Noronha, a admirável «fadista» amadora que a Rádio celebrizou. — Abel Negrão, Armando Freire (Armandinho) e Fernando Freitas, alguns dos mais populares tocadores de fado

A cantadeira Maria do Carmo. — Na adega «Mesquita»: O guitarrista Carlos Barbosa, acompanhado à viola por D. José António (Conde de Sabrosa). À esquerda, o barão de Ortega. De pé, a cantadeira Deonilde Gouveia

uma autêntica fadista. Dos homens, Jacinto Pereira mantém a boa escola que celebrizou justamente o grande Alfredo Marceneiro.

O fado também se toca, sem voz, no instrumento especial que para êle se criou, e que forçosamente o acompanha: a guitarra.

Permite intermináveis variações, cujo mavioso trinar é insubstituível na evocação de certas paisagens portuguesas, de certos ambientes muito nossos. Ricardo Borges de Sousa, Artur Paredes, Armandinho e Fernando Pinto Coelho são, sem dúvida, dos melhores dos nossos últimos guitarristas.

No fado de Coimbra, não é possível deixar de citar António Menano, Edmundo de Bettencourt, Armando Gois e Paradela de Oliveira, nem deixar de lamentar que a «briosa» de hoje o cultive com menos afinco e afecto — sem deixar de reconhecer a lindíssima voz do Julião.

Umas das coisas que contribui, em certos meios, para o descrédito do fado, é, mais do que a melodia, a letra dos versos que nêle se cantam.

Há que dizer, no entanto, que nem sempre se tem sido justo na crítica. Há letras de Linhares Barbosa, por exemplo, que não poderiam escapar ao Garcia de Resende que quisesse coligir um cancioneiro de agora. A do *Chico do Cachené,* por exemplo, onde o autor introduziu

Um grupo de marialvas e toureiros — entre os quais se vêem Manuel e José Casimiro — depois de um almôço em que cantaram o fado Arminda Vidal, Carmen Santos e Deonilde Gouveia. — À direita: Maria de Lourdes cantando no «Café Luso», acompanhada por Jaime Silva (guitarrista) e Miguel Ramos (viola)

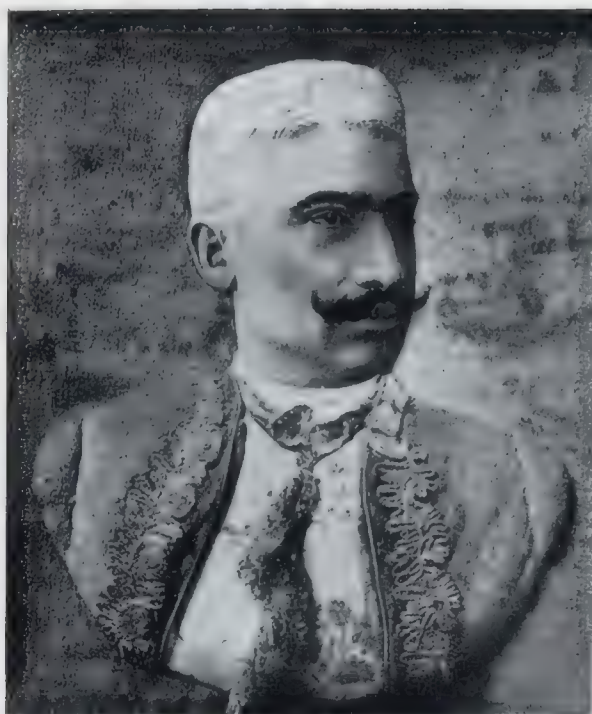
vários dos calões mais pitorescos e típicos do povinho lisboeta, ou então — menos *fadista* e de outra qualidade poética — a de *A minha canção do berço:*

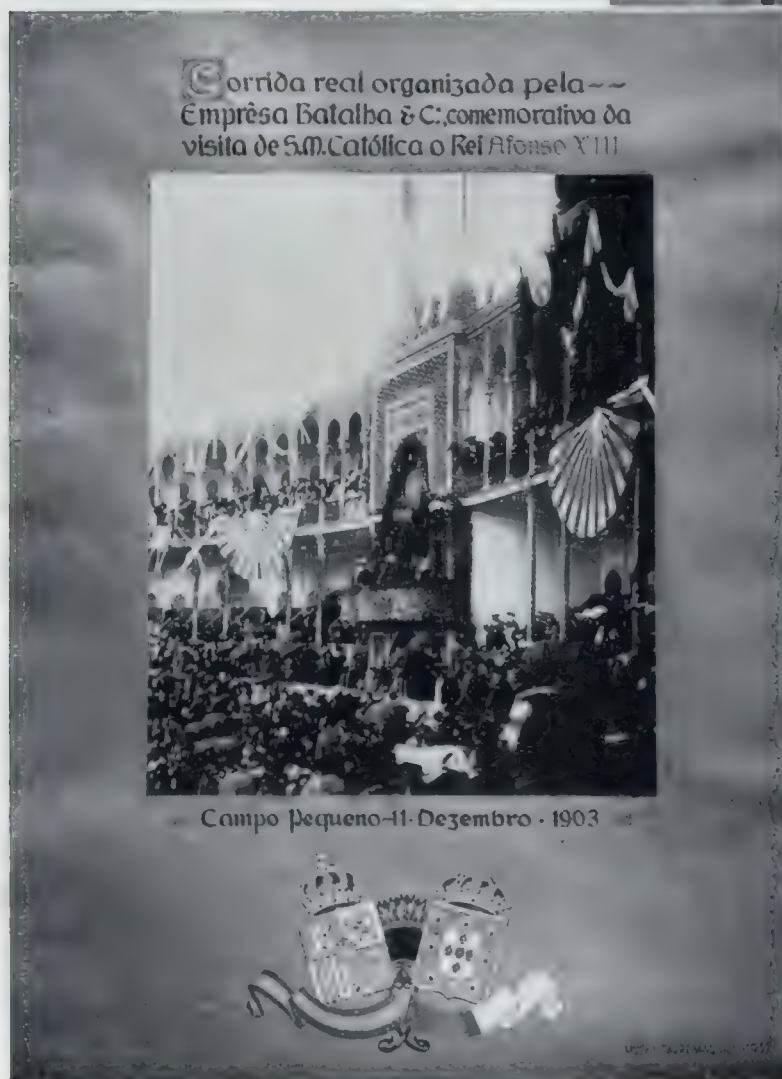
É uma barca pequena
Sôbre o mar a navegar
O berço da minha filha;
Para que vogue, serêna,
Embalo-a sempre a cantar,
Num sonho de maravilha.

Quando canto, rezo o terço
P'los olhos que nela vão
Numa inocência florida.
A minha canção do berço
É mais prece que canção
— É uma canção à vida.

Etc.... Nos versos do fado, importa mais a sinceridade e a espontaneidade das expressões do que pròpriamente o seu quilate literário. Pretender empalhar o fado com letras puxavantes, equivale a castrar um cavalo de raça, sob pretexto de o tornar menos rebelde. O fado, como as canções dos negros norte-americanos (outra expressão folclórica largamente criticada por incompreensão total), deve cantar-se *hot,* isto é: servir-se quente. O resto — é literatura.

Quanto à influência deletéria que o fado pode exercer no espírito da raça — temos conversado! Não são as canções que formam as raças: são as raças que formam as canções. Por mais voltas que o mundo dê, ressalvada a intervenção de qualquer bomba atómica, o fado, embora «melopeia sinistra», continuará a ser a nossa canção nacional.

O MUSEU DO CAMPO PEQUENO

Na Praça de Touros do Campo Pequeno existe um curioso museu que poucos lisboetas conhecem: — É o Museu João Baptista Duarte, *seu fundador. A inauguração efectuou-se em 1937. Vale a pena ali entrar. O ambiente é, na verdade, funerário; mas não seria fácil concebê-lo festivo, com a documentação que constitui o seu recheio. Predominam os mortos — ou, por outra: a*

morte impera naquela grande sala, nos retratos dos desaparecidos, nos bichos embalsamados, nos trajos dos toureiros — ainda manchados, alguns, do sangue que espichou das feridas abertas pelos touros. Mas há de tudo! Caricaturas, objectos de uso íntimo, presentes das beneficências, relíquias... Tôda uma época grosseiramente barroca ali se exibe, em numerosos aspectos, principalmente nas composições gráficas dos cartazes

e programas das touradas. No entanto, sobressai daquela paisagem triste, feia e fúnebre, um justo respeito pelos que enfrentaram a morte com elegância, arrôjo, técnica e estilo, nas árduas lides do toureio, conquistando a popularidade, por vezes até à idolatria. E, quando mais não fôsse, pelo seu incontestável valor documental, todos os aficionados devem estar gratos à generosa iniciativa da criação dêsse museu — aliás susceptível de ser ampliado e devidamente melhorado.

FOTOS DE MARIO NOVAES

OS TOUROS NA ARTE POPULAR

por **GUILHERME FELGUEIRAS**

NINGUÉM desconhece que o nosso povo e, muito em especial, o do sul do País, possui obstinada idolatria tauromáquica. Estua-lhe nas veias o fogoso sangue lusíada, revelando que a seiva atávica se mantém, ardente e fulgurante.

As lides, as sinalizações de reses, as apartações de curros e as esperas de touros constituem para o estremenho, para o transtagano e para o ribatejano, singular predilecção regionalista, quási que uma obsecação. Precisa dêstes folguedos colectivos cheios de nobreza, como de um drástico e, fiel a usos que não perde, procura tais diversões para expandir as musculaturas vigorosas.

Já em 1798, Murphy, na divertida obra «*A general view of the State of Portugal*», fêz o diagnóstico picaresco dos hábitos, usos e costumes do nosso povo. Numa série de desenhos humorísticos, revelou os primeiros passos das touradas portuguesas.

Ramalho anotou que o melhor divertimento para o homem do Sul consiste em ir, galhofeiro e folião, em mangas de camisa e de borracha à cinta, para as bancadas do sol, aplaudir em cascalhadas de riso saudável, uma pega de cernelha.

Antero de Figueiredo perscrutou o temperamento resoluto e afoito do estremenho. Aponta, como uma das suas fascinações dominantes, o rabejar com mãos de aço um touro escouceador ou em ir, alardeando bravatas, assistir fora de portas ao tresmalhar de um curro espantadiço.

Estas «*festas rijas*», agitadas e grulhentas, recreiam-lhe a sensibilidade e sacodem-na, como os vendavais rumorosos fustigam as ramalheiras. Estão dentro da índole vibrante, das tendências e da alegria populares. Talvez sejam, ainda, vestígios de uma alucinação barbaresca, com ressaibos árabes. Não resta, porém, dúvida de que — tanto nos episódios fortes e cheios de dureza, como nas correrias intrépidas e ruïdosas — constituem escolas de audácia no perigo, torneios de destreza, pundonor e galhardia.

Para estudar o nosso povo, a graça dos seus costumes, tendências rácicas e inventiva inconfundível, é necessário surpreendê-lo na intimidade, no cenário real do áspero labutar, no marulhar da vida palpitante do dia a dia. A psicologia dêsse apaixonado por touros, a vitalidade regionalista do peninsular, aparecem nos diversos sectores da sua actividade.

Gente da mais humilde jerarquia: catraeiros, ferradores, carroceiros, oleiros, fotógrafos ambulantes... todos orgulhosos de tradicionalismo, buscam com insistência, para tema de seus devaneios de imaginação, assuntos de toureio.

Muitos dêsses artistas intuitivos — pobres diabos que surgem do anonimato da massa comum — poetizam os atributos materiais peculiares aos seus mesteres, enchendo-os de desenhos cheios de frescura.

*

O entusiasmo pela arte de Montes vive latente no homem do Sul, desde a sua mocidade. A comprová-lo estão as «*tourinhas*», diversão infantil em que os gaiatos, burlescamente, procuram imitar

Uma curiosa gravura popular do século XVIII

lides de touros. Os chavelhudos ruminantes são, então, representados por canastras ou outros arremedos fantasistas.

Na indústria vulgaríssima dos brinquedos de movimento, aparecem, imprevistamente, anónimas concepções, típicas nas suas características etnográficas. As cenas de toureio prevalecem, sendo transfiguradas pela gentalha humilde que as tenta reproduzir ao sabor das leis de suas fantasias.

Há, nêsses bonecos toscos, aquêle sentido ingénuo, aquêle fundo simples e infantil que constituem o intrínseco modo de ser da arte popular nacional.

Grotescos toureiros farpeando, movimentam-se pelo afrouxar e retesar de cordéis, accionados por uma esfera de barro que se faz oscilar em movimento de pêndulo. Em muitos dêsses objectos recreativos, fabricados a trouxe-mouxe para divertimento das crianças de parcos recursos, as duas placas independentes em que assentam o touro e o toureiro, são forçadas a giro circulatório, impulsionadas pelo rodar de uma simples carreta que os petizes puxam numa plenitude de entusiasmo. E os bonifrates azougados — como

O «moço-de-forcado», em cerâmica das Caldas da Rainha. — Os fotógrafos das feiras e arraiais ajudam os aficionados a passar por audaciosos toureiros . . . como se prova pelos documentos juntos.

peças de fogo-prêso em arraial minhoto — bandarilham com fúria, mexendo exaustivamente os braços e a cabeça, enquanto o touro, circungirando, distrubui chavelhadas a êsmo...
Outros brinquedos pueris, tocados da mesma forma pela espontânea graciosidade popular, reduzem-se a um trapézio.
Toureiros ou moços de forcado, de cartão, cómicos nas expressões, cambalhoteiam, sem parar, ao ser premida a base dos pilares verticais, de madeira, a que se reduz o singelo aparelho ginástico.

*

Nas imediações de Lisboa, no Largo do Marquês de Angeja, à Junqueira, um ferrador aficionado ostenta nas portadas da sua oficina siderotécnica, alusivos perfis de um touro e de um cavalo, em tudo semelhando os que ornamentam os curros e «portas do cavaleiro», nos redondéis.
Para proteger os peitos dos animais de tiro, os carroceiros lisboetas adoptam aventais de oleado,

Nas ruas de Lisboa ainda hoje se vendem por «dez tostões» brinquedos populares inspirados na arte de tourear. — Uma cêna de toureio pintada na proa de uma fragata.

sugestivos como cartazes, em que são desenhados, a côres garridas, insígnias de agremiações desportivas e garbosos cavaleiros tauromáquicos, citando garraios.

Os fotógrafos ambulantes do Ginjal e dos arraiais estremenhos são divulgadores peregrinos do nosso pitoresco etnográfico. Arranjam fundos facetos para os seus retratados em que prevalecem cenas de toureio. A *pega de cara*, espécie de oleografia viva, é um dos lances preferidos pelos foliões. Êstes, depois de enfiarem na cabeça os barretes verdes, espreitam pelas aberturas circulares da tela, em que estão representados em mau desenho moços de forcado pegando um touro, que lembra, quási sempre, um animal pré-histórico.

Nas proas das fragatas do Tejo, pintadas com exuberâncias cromáticas, nota-se de quando em vez a sugestão da lezíria. Apetece recriar os olhos na análise dos detalhes tauromáquicos ali reproduzidos e nas ornamentais ramagens que lhes servem de moldura.

As faluas do tráfego fluvial alcochetano, transportadoras de sal para o Cais do Sodré, ostentam, como troféus, simbólicos barretes verdes, colocados desprendidamente no cruzamento de um sarilho de forcados. São alegorias decorativas de cioso bairrismo, pintadas numa orgia de tintas domingueiras, frescas e festivas, lembrando aguarelas impressionistas.

Em muitas indústrias, como na cerâmica caldense, por exemplo, o espírito popular exterioriza também o acentuado entusiasmo pelo touros.

É bom que nos apressemos — neste como noutros aspectos dos hábitos e usos típicos, que representam coeficientes da nossa opulência etnográfica — a inventariar os vários espécimes da produção artística popular, antes que o turbilhão de exotismos os corrompam, transfigurem ou subvertam.

FOTOS DE HORACIO NOVAES

ÓLEO DO PINTOR E CAVALEIRO SIMÃO DA VEIGA (PAI)

TOUROS NA BEIRA-BAIXA

por FOLGADO DA SILVEIRA

Terra de jornaleiros, de pastores e de ganhões é a da Beira Baixa, especialmente a da parte raiana do concelho de Idanha-a-Nova, onde as lendas e tradições conservam ainda o mesmo cunho que por certo teriam nos velhos e recuados tempos da Idade-Média.

O rude primitivismo das suas touradas é tão característico, que não conhecemos outro que se lhe compare para lá dos contrafortes morenos da Serra da Gardunha. Nelas o beirão, mormente o idanhense, põe todo o seu entusiasmo, a sua alegria, o seu esfuziante contentamento.

A raiz podê-la-emos situar, talvez, no tempo longínquo dos romanos, que foram gente afeiçoada a jogos de fôrça e valentia, e por ali comandaram, durante séculos, seus aguerridos manípulos.

Certo é que hoje, como há muitíssimos anos, o idanhense deixa tudo e tudo esquece por uma boa tourada à sua moda.

Touros não faltam, e toureiros também não. Os touros vão êles buscá-los às vacadas dos lavradores, que nunca lhos negam; toureiros, todos o podem ser, basta que saltem para a praça — e Nossa Senhora do Almotão os ajude na *afición* mais que temerária e lhes dê pé alceiro, quando a ocasião lho peça...

Realizam-se estas touradas nos dias festivos do Espírito Santo, Santo António e São João, e são as próprias mordomias que todo o empenho põem e todo o esfôrço dão para que o entusiasmo não esmoreça e a tradição não acabe.

Festeiros e seus amigos, chegada que é a ante-véspera do festivo dia, partem para as manadas a buscar os touros; e como ficam, às vezes, a muitos quilómetros de distância, vão de noite, pela primeira hora da manhã, para que a tempo cheguem de apartar o gado e escolher os animais que melhor lhes palpite.

Levam a cântara de vinho, os presigos, muita alegria e um foguete — que a essa mesma hora sobe aos ares, como aviso da partida.

Ouvindo-o, há quem não durma, a contas com o seu entusiasmo...

No dia seguinte, por volta da meia tarde, novos foguetes estralejam nos ares. É o sinal de que os touros chegaram à «Tapada», local vedado, próximo da vila. Então, novos e velhos, todos se deslocam até ao sítio a admirar a corpulência dos bichos, dando largas ao seu contentamento com vivórios e descantes que mantêm a quartilhos de vinho ali bebido à bôca do cântaro, borracha ou garrafão.

Com a noite, e com os que à tarde regressaram do trabalho, novos e mais numerosos grupos se formam ao redor da «Tapada dos Touros», por lá dormindo até, sôbre a terra, se é que a vozeada, as guitarras e as cantorias consentem que alguém toscaneje o seu pedaço.

São horas de intensa alegria, essas.

De manhã, ainda o clarão do dia é uma vaga dedada de *gauche* a espintalgar a linha sinuosa do horizonte, touros, peões e cavaleiros tudo se põe em

Desenhos de Carlos Ribeiro

marcha, frenèticamente. E de roldão, entre nuvens densas de poeira, garrochas ao alto ou baixas e em riste como lanças, numa tropeada rascalhante de ferragens, de gritos e assobios, os bichos entram na vila no seu trote pesadão, comprimindo-se e entrechocando-se consoante a estreitura das ruas, onde, por janelas e postigos, o mulherio espreita e faz alarido. Há quem desça à rua, a mão mal segura na esquina, a açular, com o chapéu ou com o próprio saiote da mulher, a fereza do animal.

Mas a barulheira, que passa rápida, depressa esmorece, se dilui, tal como a poeira que em nuvem ficou no ar.

Tudo pára, então, na Praça (que não é senão o Largo do Município) e vai de se começar a *encurralar* os bichos, isto é, a metê-los em lojas que por ali haja disponíveis.

Por volta das três horas, e depois da festa na Igreja, enquanto no Largo, o povinho, por tôda a parte comprimido, estala de contentamento, e a banda, instalada em tôsco e improvisado palanque de costaneira, ataca as últimas notas de um *passe-calle* qualquer, eis que surge o primeiro animal.

Para que a fera ali esteja no centro da Praça, soberba e nervosa, mais não foi preciso do que duas voltas na fechadura rangente da porta de uma loja térrea, dois assobios e um chapéu à frente dos olhos. E se as lojas, que são os baixos de alguma casa fronteira ao Largo, não chegassem, como curros, para tal cópia de animais, depressa se recorreria aos quintalórios circunvizinhos ou até mesmo à quadra ampla de um forno de cozer pão.

Se o bicho é de sangue e casta e não se faz rogado aos chamamentos, tê-mo-la bonita: entusiasmo da parte da assistência debruçada de janelas e varandas, guincharia do garotio, corrida dos toureiros para o *burladero* — ou sejam as portadas das tabernas a abrirem-se de golpe e a fecharem-se de estrondo, abarrotadas até mais não; se, pelo contrário, o animal é enfadado e mole, claro que não lhe aplicam «bandarilhas de fogo», nem é preciso, porque o ferrão das agui-

lhadas espicaçá-lo-á sem dó nem piedade, e, quer queira, quer não, tem de marrar por fôrça.

Valha a verdade que o suplício dura pouco: o Largo é amplo, sim, mas rugoso de calcetamento e irregular de piso, o que leva o animal a deitar os bofes pela bôca depois de três corridas a valer. E verdade ainda, que essas três galopadas são, às vezes, mais que suficientes para um qualquer ir ao ar ou em braços para o Hospital, a vida prêsa por um fio. Isto a dar-se e a gritaria a soar, reboante, como se ali fôra o dia de juízo; mas ninguém arreda pé do sítio onde o plantou...

Se o adjunto se comprime e por falta de espaço não tem onde se acolher, cerram-se fileiras e tosa-se a cabeça do animal com vara que se tenha à mão. É então o momento asado para que um rabeje a fera ou lhe vá para a testa com tôda a valentia que o acto requere, os braços em argolas, rijos e sãos como tenazes, que uma vez fechadas não se abrem mais. O público, entusiasmado, aplaude com delírio.

O pegador, além da valentia e do saber-se depois vitoriado, outro motivo o impele para o sucesso: é que há quem prèviamente mande passar à volta da cabeça do animal rica e vistosa coleira de maravalhas de seda e papel, em cujo fôrro se intrometeu nota grande, ou libra de cavalinho quando era o tempo delas. E quem conseguir dominar o touro e sacar-lhe, assim, o cobiçado troféu, passará a ter todos os direitos de posse sôbre a maquia que nela se contenha. Em grupo ou sòzinho, com galhardia ou sem ela, o que é necessário é que a coleira venha fora — para que o metal retina ao balcão da taberna, que é onde se

quebra a surprêsa e se bebe à saúde de todos os presentes. Mas não é raro acontecer que nem à fôrça de garrochadas o bicho desista de se aproximar do ajuntamento. Então, tantos são os sacões que atira com a cabeça, como os *valientes* que vão ao ar e se estatelam nas lajes, assim como quem jogasse molhos nas pontas de uma forquilha.

Novo e angustioso alarido. Aberta a clareira, voltam as correrias, enquanto outros deitam mão dos feridos, se os há, ôlho atrás, ôlho à frente. E se o animal encrença com a charola, larga-se o maltratado e toca de fugir... E calhando não haver ali degrau ou friso por onde um homem se embarre, forma-se de longe o pincho e atira-se um perdido com todo o pêso do corpo para o mar de cabeças que emergem da *salgadeira* — lugar por que é conhecido na linguagem local o átrio dos Paços de Concelho, que é amplo e se rasga três degraus abaixo do nível médio da Praça.

Mas o bicho começa, finalmente, a dar manifestos sinais de cansaço. Então, rodando um dos carros de lavoura, que deitados sôbre uma das rodas obstruem a saída, chamam o touro àquela banda. Mirado o portal, investe como seta; e lá vai rua em fora a caminho da pastagem de que nunca perde o tino. É ver então pelas soleiras das portas dos que à tourada não foram, corridas e alevantes, tudo com atabalhoada e nervosa pressa. E até, há anos, quando a vila se alumiava ainda a bicos de petróleo, deu brado e foi depois alvo de chacota e hilaridade um pobre homem (a quem a Câmara pagava para acender o pavio dos candeeiros altos, espalhados pelas esquinas) que para se livrar de malhar com o costado no chão, teve de ficar suspenso do suporte do candeeiro, a espernear e a gemer o ai Jesus quem me acode!, por o bicho lhe ter atirado abaixo o escadote do ofício, ficando-se a remirá-lo de través...

Assim se correm touros em Idanha-a-Nova e seu têrmo, terra beiroa por onde a *afición* nada fica a dever à do ribatejano.

Até há poucos anos o idanhense era logo conhecido à primeira vista pelo fôrro encarnado do seu colete de saragoça. Despindo-o, era com êle a servir de capa que *encorria* os touros no Largo da sua Vila. E ainda hoje, como sempre, o idanhense larga tudo por uma corrida de touros à sua moda.

É o seu mais típico e entusiástico divertimento, êste. Perigoso e rude, sem dúvida, mas valente e rude como a sua alma rude, como o seu próprio e rude ofício de trabalhador da jeira, cotidianamente mergulhado na grandeza vasta da campina — «planície heróica» beiroa de vaqueiros e de ganhões.

PRAÇAS DE TOUROS DO PAÍS

LOCALIDADE	LOTAÇÃO (Lugares)	INAUGURAÇÃO	PROPRIETÁRIO	FESTAS TAUROMÁQUICAS HABITUAIS	ACONTECIMENTO NOTÁVEL
ALCOCHÊTE — Avenida 5 de Outubro.	2.532	1921	Nova Emprêsa da Praça de Touros de Alcochete	Festas do Barrete Verde e das Salinas, em meados de Agôsto; nas Festas de São João, em Junho. — Algumas corridas extraordinárias, noutras datas.	—
ALENQUER — No limite da vila, na Estrada Nacional n.º 1, principal sítio do Pedragal.	2.900	1920	Misericórdia de Alenquer	Em Domingos de Pentecostes, nas Festas do Espírito Santo; no último domingo de Agôsto, por ocasião da Feira Anual.	—
ALGÉS — no limite de Lisboa, perto da estrada marginal para o Estoril.	6.500	1895	Herdeiros de Eduardo Augusto Pedroso	Corridas formais, «charlotadas» e garraiadas, desde a primavera até ao outono.	Corrida de touros «de morte», organizada pela Polícia de Segurança — Tourada real, «à antiga portuguesa», reconstituïção, para o filme português «*A Severa*», em 1931.
ALMEIRIM — na vila.	3.561	4 de Junho de 1939	Instituto «Sopa dos Pobres» de Almeirim	Não as há determinadas ou em datas certas.	—
ARRONCHES — na vila.	2.500	24 de Maio de 1895	Francisco Romão Tenório	Garraiadas nos dias 24 e 25 de Maio e por ocasião das festas promovidas pelas instituïções de assistência do Concelho.	—
ARRUDA-DOS-VINHOS — na parte superior da vila, a poente.	3.000	1925	Câmara Municipal	Só pelas Festas do Concelho, designadas por Festas de Nossa Senhora da Salvação da Arruda, em 14, 15, 16 e 17 de Agôsto.	—
VILA-NOVA-DA-BARQUINHA — próximo da Estação do Caminho de Ferro.	4.000	1853	Santa Casa da Misericórdia	Touradas, vacadas e garraiadas, sem data certa.	—
CALDAS-DA-RAINHA — ao norte da cidade, no ângulo formado pela Rua da Praça de Touros com a Rua de 31 de Janeiro.	4.136	13 de Junho de 1883 (Festas de Santo António)	Luís Xavier da Gama	Corridas de touros, por ocasião da Feira Anual de 15 de Agôsto. Corridas sério-cómicas, pelo Carnaval; touradas e vacadas, durante a época termal.	Em 28 de Agôsto de 1924 e em 28 de Agôsto de 1927, corridas de «touros de morte», com os «espadas» Mella e Algabeño.
CARTAXO — Largo de Vasco da Gama.	4.400	23 de Agôsto de 1874	Câmara Municipal	Corridas de touros ou vacadas, por ocasião das Festas do 1.º de Maio (1, 2 e 3 de Maio) e de Todos-os-Santos (1, 2 e 3 de Novembro).	A festa da sua inauguração, com uma corrida de 13 touros de João Inácio da Costa; toureou a cavalo Manuel Mourisca Júnior, tendo como peões e bandarilheiros: Roberto da Fonseca, Manuel Cadête, Francisco Vaz «O Caixinha», Miguel Faria, José Luís e António Augusto.
CHAMUSCA — Rua Cândido dos Reis.	1.710	Agôsto de 1919	Santa Casa da Misericórdia	Corrida de touros de 5.ª feira da Ascenção (tradicional).	—
CORUCHE — na margem esquerda do Rio Sorraia, junto à vila.	3.475	16 de Agôsto de 1925	Misericórdia de Coruche	Touradas nos dias 16, 17 e 18 de Agôsto.	É das poucas praças do País, onde se efectuaram corridas de «touros de morte».
ELVAS — no Rossio do Calvário.	2.520	15 de Junho de 1845	Mário Marçal dos Santos	Em Setembro, por ocasião da Feira de São Mateus (de 21 a 23).	A estreia do seu primeiro «traje de luces» pelo grande «matador» Juan Belmonte.
ESPINHO — nos ângulos das Ruas 20, 24 e 39.	4.464	15 de Agôsto de 1941	Emprêsa Resende e Crespo	Corridas de touros e novilhadas, durante a época balnear.	—
ESTREMOZ — Largo da Praça de Touros (no lado norte da cidade).	4.500	Setembro de 1904	Associação de Beneficência de Estremoz	25 de Julho e 1.º domingo de Setembro.	Nada, a não ser bons cartéis, apresentados nas datas indicadas.
ÉVORA — junto à Estrada de Circunvalação e Rua de Gil Vicente.	5.041	19 de Maio de 1889	João Barreiros de Tôrres Vaz Freire	Touradas, pela Feira de São João, em 24 de Junho e corridas de garraios e vacadas. No verão, também, instala esplanada com cinema, realizando-se, eventualmente, espectáculos de circo.	A largada do primeiro balão ali visto, em Agôsto de 1896, que, tripulado por Ferramenta e Magalhães, baixou num campo a 3 quilómetros da cidade. À inauguração da praça assistiu o Rei D. Luís I, quando da sua visita oficial a Évora. Em Maio de 1900, quando o Rei D. Carlos I visitou oficialmente a cidade, também se efectuaram touradas de gala. O mesmo se deu quando o Presidente da República, General Carmona, em Junho de 1932, fêz a sua visita oficial a Évora.
FIGUEIRA-DA-FOZ (Praça de Touros «Coliseu Figueirense») — Largo do Coliseu.	5.612	1895	Emprêsa do Coliseu Figueirense S. A. R. L.	De uma forma geral, 6 touradas e 3 garraiadas.	No ano em que houve várias corridas com «touros de morte», tendo-se recusado o matador de touros Juan Belmonte a matar o touro que lhe coube, resultou ser prêso e ter de atravessar a arena entre dois guardas.
GOLEGÃ — Rua do Arieiro.	2.000	30 de Setembro de 1945	Joaquim Gonçalves Costa		A festa inaugural com uma corrida de touros «à antiga portuguesa».
GUIMARÃES (Praça de Touros João de Melo) — Campo da Perdiz, na freguesia de Creixomil, perto do cemitério.	5.000	6 de Agôsto de 1938	Câmara Municipal	Por ocasião das Festas Gualterianas, no 1.º domingo de Agôsto, com corridas de touros ou garraios.	Apresentação da notável «caballista», peruana Conchita Cintron, em 1945, ao lado de António Luís Lopes e de seu filho Alberto. Fêz um sucesso enorme, toureando a cavalo e, depois, a pé.
LISBOA (Praça de Touros do Campo Pequeno — continuadora da do Campo de Santana, que durou de 1831 a 1891. Esta sucedera à do Salitre, que durou de 1777 ou 1780 até 1830) — Praça do Dr. Afonso Pena, no eixo das Avenidas dos Defensores de Chaves e da República e Rua Chaby Pinheiro.	8.500	18 de Agôsto de 1892	Emprêsa Tauromáquica Lisbonense	Abertura da época em Domingo de Páscoa e corridas diurnas e nocturnas, quási todos as quinzenas, durante o verão, até 5 de Outubro. Esporàdicamente, combates de «box».	Em 12 de Maio de 1904, foi colhido pelo touro «Ferrador» o cavaleiro Fernando de Oliveira. Cuspido da montada, o seu cavalo «Azeitona», atingiu-o com uma patada na cabeça. Transportado ao Hospital de São José, veio a falecer, ainda envergando o seu célebre colete de setim branco bordado a matiz. (Citar todos os acontecimentos notáveis desta praça de touros daria uma monografia).

PRAÇAS DE TOUROS DO PAÍS

LOCALIDADE	LOTAÇÃO (Lugares)	INAUGURAÇÃO	PROPRIETÁRIO	FESTAS TAUROMÁQUICAS HABITUAIS	ACONTECIMENTO NOTÁVEL
MOITA — na vila.	2.600	—	José de Sousa Costa, José Mendes Pires da Costa, Luís da Costa Proença, Luís Afonso da Costa Almeida e António Silvestre Ferreira Alves.	Corrida de touros, pela Feira, no 4.° domingo de Maio; corridas de touros e uma vacada, pelas Festas a Nossa Senhora da Boa Viagem.	—
MONTEMÓR-O-NOVO — Rossio da Vila (freguesia do Castelo — Nossa Senhora da Vila).	3.150	2 de Agôsto de 1882	António Joaquim Marques dos Santos e Dr. Felipe Morgado Romeiras	No dia 1 ou 2 de Maio, no 1.° domingo de Julho e no 1.° domingo de Setembro (tôdas por ocasião de Feiras Anuais). Também se efectuam vacadas e espectáculos de variedades taurinas, com amadores da região e das vizinhanças. No verão, funciona como esplanada com cinema.	Em 5 de Julho de 1915, a estreia do cavaleiro Simão da Veiga Júnior. Comemorando o facto, em 2 de Maio de 1943, realizaram-se festas memoráveis na vila, sendo descerrada uma lápida evocando o acontecimento. Os maiores valores da tauromaquica nacional homenagearam Simão da Veiga Júnior e seu pai, que muitas vezes, também, ali toureou. Os forcados amadores de Santarém, capitaneados por António Abreu e os de Montemór-o-Novo por Simão Malta, pegaram, em competência, touros do «ganadeiro» local Dr. Alfredo Maria Praça Cunhal. Por esta praça têem passado os maiores vultos do toureio nacional.
MONTIJO — Rua Almirante Reis.	5.000	29 de Junho de 1888	Santa Casa da Misericórdia do Montijo	Touradas e cinema.	—
MOURA — Bairro Saluquia.	5.500	—	Emprêsa Cine-Mourense	Duas corridas, por ocasião da Feira Anual, em 8 e 9 de Setembro.	—
NAZARÉ (Praça de touros do Sítio da Nazaré) — Sítio da Nazaré (onde já existira outra).	3.465	1897	Confraria de Nossa Senhora da Nazaré	No dia 8 de Setembro e na 6.ª feira e sábado seguinte, quando o dia 8 não calhe em 5.ª feira (de contrário, na semana seguinte), por ocasião das festas religiosas de Nossa Senhora da Nazaré. Há, por obrigação contratual, três corridas só de touros ou mixtas. — Geralmente em Julho, Agôsto e Setembro, também se efectuam mais uma ou duas corridas, mixtas.	Em 1860, em Setembro, morreu, colhido por um touro, o cavaleiro Augusto Moradas. Fôra cabo artilheiro e metera-se a cavaleiro tauromáquico, nêsse mesmo ano, por conselho de amigos e camaradas, que admiravam as suas qualidades de equitador. Parece que entrara na praça já com a intuição de que ali ia morrer.
NIZA — Rua Visconde Vale da Sobreira.	2.000	9 de Outubro de 1929	Emprêsa tauromáquica Nisense	Corridas especialmente em Junho e Outubro.	Tourada realizada em 8 de Maio de 1932, com a presença do Presidente General Carmona e membros do Govêrno.
PORTALEGRE (Praça de Touros José Elias Martins) — Herdade da Misericórdia, na freguesia da Urra.	3.933 e 54 camarotes	8 de Junho de 1936	José Elias Martins	Em Junho e Setembro. — Também se realizam garraiadas.	—
REGUENGOS — Campo 28 de Maio.	5.000	1925	Emprêsa Tauromáquica (Reguenguense (por acções)		Tourada em 5 de Abril de 1927, com os nossos melhores cavaleiros e a que assistiram o Presidente da República Carmona e membros do Govêrno, quando da inauguração do caminho de ferro local.

LOCALIDADE	LOTAÇÃO (Lugares)	INAUGURAÇÃO	PROPRIETÁRIO	FESTAS TAUROMÁQUICAS HABITUAIS	ACONTECIMENTO NOTÁVEL
SALVATERRA-DE-MAGOS — Avenida Vicente Lucas de Aguiar.	2.210	1920	Associação de Beneficência Misericórdia de Salvaterra de Magos.	3.° domingo de Maio, por ocasião da Feira Anual da Vila. — Noutros dias festivos, garraiadas.	—
SANTA EULÁLIA (ELVAS) — a 20 quilómetros de Elvas.	2.000	16 de Junho de 1895 (pelo Comendador Rasquilha)	Casa do Povo de Santa Eulália	Em 10 de Junho, por ocasião da Feira Anual local e no 1.° domingo de Outubro, dia da Festa Tradicional.	A festa de iniciação de nova época, em Junho de 1936, depois da sua reedificação (com participações pelo Fundo de Desemprêgo). Nêsse dia tourearam João Branco Núncio, Vasco Jardim e Juan Lopes Lago. Foi uma tourada brilhante.
SANTARÉM — Campo de Sá da Bandeira.	5.988		Santa Casa de Misericórdia	Duas importantes corridas de touros, em Outubro, durante a Feira da Piedade. — Durante os meses de Abril a Outubro, diversas touradas e garraiadas.	—
SETÚBAL (Praça de Touros Carlos Relvas) — Bairro Baptista.	4.100	15 de Setembro de 1889	Mesquita & C.ª	Incertas.	O Comício anti-comunista em 1940.
SOBRAL-DE-MONTE-AGRAÇO — Rua Tenente Coronel João Luís de Moura.	2.100	15 de Agôsto de 1921	Emprêsa da Praça de Touros	Vacada, em 15 de Agôsto; tourada na 2.ª segunda feira de Setembro e vacadas na véspera e no dia seguinte.	—
TOMAR — Quinta de Santo André.	6.000	29 de Junho de 1883	Santa Casa de Misericórdia de Tomar	Garraiadas e vacadas em datas incertas.	—
TÔRRES-NOVAS — na vila.	3.500	1935	José Jorge da Silva Gabriel	Em 1945, quatro corridas de touros.	—
VIANA-DO-CASTELO — Campo do Castelo.	4.846	Agôsto de 1941	—	Dois a três espectáculos taurinos, por ocasião das Festas da Senhora da Agonia.	—
VILA-FRANCA-DE-XIRA (Praça de Touros Palha Blanco) — Campo de Cevadeiro, à margem da Estrada Nacional.	3.818	30 de Setembro de 1901	Misericórdia e Hospital Civil de Vila-Franca-de-Xira	Corridas de Touros: pela Festa do Colete Encarnado, no 2.° domingo do mês de Julho; em Outubro, pela ocasião da Feira Anual, que dura cinco dias, com início no 1.° domingo de Outubro. São quatro ou cinco corridas.	Em 17 de Agôsto de 1917, uma corrida com «touros de morte», com os famosos «espadas» Juan Espinoso «Arnilita», Fuentes Bejarano e Luís Freg, matando seis touros da «ganaderia» Palha Blanco. Esta tourada memorável foi considerada a melhor realizada em Portugal. Presidiu a ela, por incumbência do Govêrno, o Comandante Ferreira do Amaral. A inauguração, em corrida «à antiga portuguesa», em benefício do Asilo-Creche Afonso de Albuquerque, desta vila. Tomaram parte distintos amadores, alguns sócios do Real Club Tauromáquico, na presença de Suas Majestades e Altezas.
VISEU — junto à Avenida José Relvas.	4.000	21 de Setembro de 1941	Augusto Rodrigues Ferreira Emídio Costa e António Estêves de Figueiredo	Não há regularidade, áparte uma garraiada que todos os anos se realiza a favor dos Bombeiros Voluntários de Viseu.	Colhida mortal de «Cardenas», peão de brêga do «espada» Gregório Garcia, na época de 1943.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

«Panorama» agradece

A organização do presente número de PANORAMA foi dificultada (o que em grande parte justifica o atraso da sua saída, de que pedimos desculpa aos nossos Assinantes e Leitores) pela escassez e, sobretudo, a dispersão dos elementos gráficos respeitantes aos temas que nêle se tratam.

A documentação iconográfica é, por êste motivo, notòriamente incompleta — e também pelo facto de sermos forçados a desistir de esperar por mais tempo o envio de fotografias pedidas e prometidas, e a sacrificar a inferior qualidade de várias outras ao rigoroso critério selectivo que desde início adoptámos.

Não faltaram, no entanto, as boas vontades. Numerosos Amigos e Colaboradores se esforçaram por contribuir para o êxito da nossa iniciativa, pesquisando, nos seus e em alheios arquivos, os materiais de que necessitávamos.

A todos PANORAMA agradece — e, especialmente, aos Srs. Júlio Pires, Rogério Perez e Carlos Pinto, pela amável cedência das suas valiosas colecções de gravuras, retratos fotográficos, revistas, recortes de jornais e outros documentos referentes a muitas das individualidades e factos que neste número se evocam.

A valorização de Sintra e o problema dos hotéis

Numa reünião do Conselho Municipal que há meses se efectuou em Sintra, sob a presidência do Eng.º Carlos Santos, foi apreciado um grandioso plano de trabalhos, destinado à valorização daquela importante zona de turismo. O relatório inseria as seguintes afirmações, apontadas ao problema dos hotéis — que julgamos dignas de registo nesta secção do nosso Boletim:

«O que existe em Sintra não são hotéis. São, quando muito, boas pensões de terras de província. Dois hotéis grandes são necessários em Sintra. Um, digamos, de repouso, tipo Buçaco, instalado num local com côr própria, por exemplo Seteais, Quinta do Monteiro, no próprio parque, que seria o hotel destinado aos que desejassem a quietude de Sintra e viver no meio das suas incomparáveis belezas. *Não cremos que a iniciativa particular se abalance a realizar um hotel dêste género sem um grande e inicial apoio do Estado.* Outro: o hotel utilitário, construído próximo do centro de divertimentos em realização, próximo do Casino existente (com ou sem jôgo, não nos interessa); perto da estação, permitindo a ida ou a volta a pé, não longe do cinema em projecto, que seria o hotel comercial por excelência, de tão garantido futuro que, segundo consta, o seu estudo está já entregue a um arquitecto pela Sociedade de Melhoramentos Turísticos, Limitada».

«O arquitecto Jorge Segurado, num artigo que «O Século» publicou, ocupou-se do assunto, alvitrando «aos homens bons de Sintra» que adaptem o palácio de Seteais a um simples, agradável e simpático hotel para *a verdadeira Sintra.* Cuidado, porém, com a palavra hotel! Entenda-se bem o que se propõe: Estudar uma distribuïção de aposentos, de salas e de todo o serviço, sem mexer no exterior principal, adaptando cuidadosamente todo o existente (problema sério!) a uma instalação hoteleira, sim, mas com o espírito de uma boa e grande *pousada.* Nada de pretencioso «Palace» — que seria absolutamente descabido em Sintra, quer na *autêntica* (na nossa), quer na *moderna.*»

Um novo miradouro

A Direcção Geral da Fazenda Pública, por deliberação espontânea, pôs à disposição da Junta de Turismo da Ericeira o velho forte de Milreu, para ser aproveitado para fins turísticos. Atendendo à excelente situação do forte (a dois quilómetros ao norte da vila, sobranceiro na escarpa saliente que domina, para o sul, tôda a costa, desde a Ericeira ao Cabo da Roca e, para o norte, todo o semi-círculo da praia da Ribeira das Ilhas até à ponte de Ribamar), a referida Junta mandou proceder ao estudo da reintegração e adaptação do edifício, de modo a servir de miradouro público, e assim contribuir para a valorização turística daquela zona.

Cuidemos dos rios!

A «Semana Tirsense» está empenhada numa justa campanha: Chamar a atenção das entidades oficiais para o estado miserável a que ficou reduzido, por incúria, um dos melhores valores turísticos de Santo Tirso: o pitoresco e poético rio Ave.

De um dos editoriais dedicados ao assunto, reproduzimos os seguintes períodos: — «O desinterêsse pelas coisas belas desta terra é, infelizmente, manifesto. O culto pelo rio, por essa maravilha com que a Providência dotou a nossa região, e que todos devíamos sentir e manter, foi levado na voragem da mocidade, que hoje não liga — triste é dizê-lo — às coisas belas da Natureza. E, assim, o nosso rio, que foi outrora um dos pontos mais atraentes da vila, que foi motivo de encantamento, pela alvura dos seus areais, pela transparência cristalina das águas, pela pujança dos salgueiros e outra vegetação que as suas margens guarnecem, é hoje (com que pezar o afirmamos!) uma autêntica montureira, e os seus areais tornaram-se completamente desprezíveis».

«Panorama» regista

★ O extraordinário interêsse da «Exposição Evocativa de Eça de Queiroz», nos salões do Grémio Literário, organizada pelo Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular.

★ O prosseguimento das obras a cargo da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais — que dentro em breve começará os trabalhos de restauro da catedral de Braga.

★ O carinho que a Fundação da Casa de Bragança — por intermédio do seu Conselho Administrativo — tem dedicado ao Paço Ducal de Vila Viçosa e ao respectivo Museu - Biblioteca, já hoje dignos de atenta e demorada visita.

★ As exposições dos artistas Anne Marie Jauss, Cândido da Costa Pinto e Jorge Barradas, no estúdio do S. N. I.

★ A recente inauguração, na lindíssima Quinta das Tôrres (Azeitão) de um «apartement» anexo à Casa de Chá, alugável em regime de estalagem, com refeições completas.

TOURADAS EM PORTUGAL

(Continuação)

Mudando de marido não logrou maior sossêgo, pois que vindo para Alcântara no 1.º de Junho de 1672, seguiu D. Pedro a sua «Arriscada inclinação pelo que esteve perigosíssimo, buscado dos cornos de um touro que lhe rompeu o freio do cavalo, e êste desbocado o despenhara se o príncipe se não apegasse a uma coluna, largando a sela do cavalo». Mais tarde na Côrte Real de novo se viu arriscado e saíu com necessidade de sangrias que não quis tomar.

E como o rei D. Pedro, refere um viajante, dotado de uma fôrça extraordinária, gostava imenso de ir algumas vezes agarrar um touro *à unha,* a rainha, receando alguma desgraça maior, tanto trabalhou que obteve a supressão dessas corridas, excepto nas ocasiões de nascimentos de príncipes ou princesas.

Sobejas razões tinha ela, como se vê, para não estimar muito o espectáculo, e o exercício querido de seus dois maridos.

A proïbição não lhe sobreviveu durante muito tempo, e já no reinado seguinte eram de novo êsses espectáculos tão freqüentados pelos lisboetas, que o frade xabregano fr. João de Nossa Senhora, tipo popular, herói-cómico, que percorria as ruas, poetando, prègando a cada canto, vociferando contra os desvarios do século e seguido de uma turba-multa de rapazes e de mulheres, não teve bastante fôrça na sua eloqüência para afastar do Rossio, onde se corriam touros, as gentes, que no seu pensar, caminhavam para a perdição; e achando-se com resumidíssimo auditório na igreja da Vitória onde prègava, improvisou as seguintes quadras:

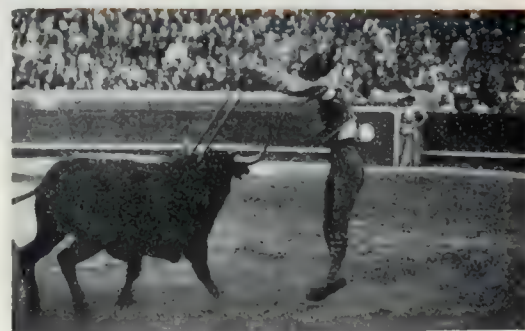
No Rossio se faz festa,
Na Vitória prègação;
Pouca gente assiste nesta,
Mas, naquela, multidão.

Três vezes divertimento
Bem se pudera escusar:
Tanto rir, tanto folgar
Póde parar em tristeza.

Na doutrina de Maria
Tenha Lisboa certeza,
Que tôda a sua alegria
Há-de parar em tristeza.

Não faltou depois quem visse nestes versos a profecia do terramoto dêsse ano. No entretanto, pela rua Nova, e por tôdas as encruzilhadas que levavam ao Rossio, a multidão formigava sequiosa das comoções do circo, e descuidada das fúnebres queixas do *frade arengueiro.*

Passaram anos, e o terramoto, que tanto demoliu, não acabou essas festas.

Já na época constitucional, talvez mais demolidora ainda, se pretendeu aboli-las de vez. Assim, o decreto de 19 de Setembro de 1836, referendado por Manuel da Silva Passos, considerando enfàticamente que as corridas de touros são um divertimento bárbaro e impróprio de nações civilizadas, e que semelhantes espectáculos só servem para habituar os homens ao crime e à crueldade, determina que fiquem proïbidas em todo o reino.

TOURADAS EM PORTUGAL

(Continuação da pág. I)

Meses depois as côrtes gerais, extraordinárias e constituintes, votam a revogação dêste decreto.

Actualmente está pendente da aprovação das côrtes uma proposta abolindo as touradas em Portugal.

Entretanto, em cada cidade, em cada vila da Estremadura e Alentejo, e até mesmo no Pôrto, se têm contruído novas praças de touros, que se vão enchendo todos os domingos de verão.

E assim o povo, que é ainda quem em Portugal conserva alguma individualidade característica, resiste com o instinto das raças fortes às doutrinas dos que querem ministrar-lhe à fôrça uma educação de feitio cosmopolita, cuja adaptação indígena só tende a transformar em palratório de *meetings*, em trocadilhos obscenos de teatros baratos, em danças pretensiosas de bailes familiares, o folguedo das romarias, feiras, e arraiais, a inspiração dos descantes, os requebros dos bailaricos, a algazarra, a chufa, a unidade do sentir das praças de touros, único lugar onde em Portugal se manifesta a expansiva alegria do povo.

CONDE DE SABUGOSA
(Do livro «Embrechados»)

A VIDA BOÉMIA

(Continuação)

E caía lá tudo, a fina-flor, o *beijinho* da sociedade: «É que no «António das Caldeiradas» — conta-nos o mesmo cronista — a freguezia era selecta, sobretudo à noite. Antigos ministros, parlamentares, escritores, artistas do pincel, da batuta e do belo-canto freqüentavam a casa sem rival».

E lá iam, também, os toureiros — que os toureiros iam a tôda a parte onde houvesse alegria, fado, actrizes, bom vinho e bons petiscos. Toureiros da alta, da nobreza, e os outros, como, (para recordarmos outra figura característica dessa remota vida alfacinha) o Teodoro Gonçalves, que morreu velho e abastado lavrador, há dez anos, longe dos touros e das verdes lezírias, onde foi nado e criado. «O Teodoro não era um Tinoco, nem um Castelo-Melhor, nem um Fernando ou um Casimiro; nem sequer um Roberto ou um Peixinho. Foi um peão de brega, um capote certo, modesto e cumpridor, o primeiro sempre à direita, sem planta fina nem côrte de admiradores. Trouxe de Vila-Franca a tez morena e as pernas rijas. Havia o Cadete, que fazia sesgos, e o Teodoro que não fazia câmbios». Isto lê-se num artigo assinado pelo «Velho Silva», pseudónimo de alguém que de perto o conheceu e muito fundo sentiu o desaparecimento das figuras mais curiosas dessa geração — como se entende neste desabafo: «Mas o que Teodoro foi, afinal — do Campo Santana ao Campo Pequeno — foi uma figura do seu tempo, dêsse tempo em que o fado e os rapazes ainda tinham pés e cabeça. Tal como o teatro... Um teatro especial, romântico ou melodramático, de farsa ou para a gente rir a bandeiras despregadas. Onde o Teodoro e os da sua arte entravam, era quási certo que aí se viam o actor Cardoso, o Pitorra, o Taborda; ou a Virgínia, a Ângela, a Rosa Damasceno. E estavam também — era questão de procurar — o Rafael Bordalo, o Malhoa, o António Ramalho, ou o Marcelino; o D. João, o César Machado; ou o Silva Canelas, o D. João de Menezes, o João Flecher; ou o Baracho, o Tabordinha, o Amâncio, o Lagarto, o Parafuso; ou a Cândida Camareira, a Barriche, a Adelaide do «Chiquito»; ou a Sr.ª Condessa de ... a Sr.ª D. Maria de... e de...; ou, até, o SenhorD. Carlos, o Infante D. Afonso, o príncipe pequeno — e o capitão Dias. Mas, assim como nas romarias do Norte já se vai perdendo a policromia dos trajos, também nas cidades com brasão (e, se as há, Lisboa é uma delas) se vai amortecendo a côr garrida, a alacridade, a graça e o pitoresco dos tipos, dos costumes, dos acontecimentos...»

AMÉRICO NOGUEIRA

POUSADA DE S. BRÁS-DE-ALPORTEL

★ ★ ★

A Pousada de S. Brás, situada a 240 m. de altitude, é um óptimo ponto de partida para excursões aos mais pitorescos trechos do Algarve. Fica junto à Estrada Nacional, a 200 km. de Lisboa, a 16 km. de Faro e a 65 km. de Vila-Real-de-Santo-António. Escreva a reservar um quarto para ali passar um delicioso fim de semana, ou mesmo alguns dias de férias. Telefone: S. Brás-de-Alportel, 5.

SARDINHAS~ANCHOVAS~ATUM~SARDINHAS~
ATUM~SARDINHAS~ANCHOVAS~ATUM~